



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
COLEGIADO DE HISTÓRIA

ANA CAROLINA SENA DO NASCIMENTO SENA BRITO

CATÁLOGO DE ENTREVISTAS

**FÉ, TRADIÇÃO E MEMÓRIA: OS FESTEJOS DO BOM JESUS DA GLÓRIA EM
CACHOEIRA GRANDE, JACOBINA-BA**

JACOBINA-BA
2025



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
COLEGIADO DE HISTÓRIA

ANA CAROLINA SENA DO NASCIMENTO BRITO

CATÁLOGO DE ENTREVISTAS

**FÉ, TRADIÇÃO E MEMÓRIA: OS FESTEJOS DO BOM JESUS DA GLÓRIA EM
CACHOEIRA GRANDE, JACOBINA-BA**

Trabalho apresentado como requisito para conclusão de curso de graduação em História, do Departamento de Ciências Humanas – Campus IV da Universidade do Estado da Bahia.

Orientadora: Prof^ª Dra Polliana Moreno dos Santos

JACOBINA-BA
2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANA CAROLINA CENA DO NASCIMENTO SENA BRITO

CATÁLOGO DE ENTREVISTAS

**FÉ, TRADIÇÃO E MEMÓRIA: OS FESTEJOS DO BOM JESUS DA GLÓRIA EM
CACHOEIRA GRANDE EM JACOBINA-BA**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Polliana Moreno dos Santos (UNEB)

Orientadora

Prof. João Fracisco da Silva Netto (UNEB)

Banca Examinadora

Membro da Banca Examinadora

Prof^ª. Ma. Maria Sandra da Gama (UNEB)

Aprovado em 19 de Dezembro de 2025

JACOBINA – BAHIA

2025

DEDICATÓRIA

A comunidade do Bom Jesus da Glória, em Cachoeira Grande, Jacobina-Bahia, cuja fé, tradição e devoção inspiraram esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em especial ao Bom Jesus da Glória, por iluminar meus caminhos, fortalecer minha fé e me conceder sabedoria e perseverança em cada etapa desta caminhada acadêmica. Sem sua presença e proteção, este trabalho não teria sido possível.

À minha orientadora, Polliana Moreno, pela dedicação, paciência e pela orientação cuidadosa ao longo deste trabalho. Sua disponibilidade, seus ensinamentos e sua generosidade foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço por cada conselho, incentivo e confiança depositada em mim. Aos professores João Francisco da Silva Netto e Maria Sandra da Gama, minha sincera gratidão à banca examinadora por ter aceitado o convite e por dedicar seu tempo a analisar este trabalho.

Registro minha profunda gratidão à comunidade Bom Jesus da Glória e a todas as pessoas que aceitaram participar das entrevistas, compartilhando com generosidade suas histórias, vivências e lembranças. Cada contribuição foi essencial para o desenvolvimento e a consolidação deste catálogo.

Ao meu querido esposo, que esteve ao meu lado. Obrigada por seu amor, compreensão, apoio e incentivo. Sua presença foi fundamental para que eu não desistisse, mesmo quando os desafios pareciam maiores do que eu.

Aos meus pais agradeço por todo amor, cuidado e pelos valores que me transmitiram.

RESUMO

Este trabalho apresenta um catálogo sobre os festejos do Bom Jesus da Glória, realizados anualmente na comunidade de Cachoeira Grande, no município de Jacobina, Bahia, desde 1952. O objetivo é registrar e preservar a memória dessa manifestação religiosa e cultural por meio de entrevistas com moradores que participaram da fundação, organização e continuidade das celebrações. Os festejos incluem missas, procissões com andores, momentos de confraternização e outras atividades que expressam a fé, a devoção e a identidade cultural da comunidade. A pesquisa também evidencia a importância da devoção ao Bom Jesus da Glória para a vida social e cultural do distrito, mostrando como as práticas religiosas fortalecem vínculos comunitários, transmitem valores e garantem a preservação da memória coletiva. Além disso, a documentação de relatos orais permite registrar experiências, saberes e histórias pessoais, muitas vezes não sistematizadas, garantindo que essas narrativas sejam preservadas para as futuras gerações. Por meio deste catálogo, busca-se dar visibilidade às tradições locais, evidenciando a relação entre religiosidade, cultura e sociabilidade. Em síntese, a festa do Bom Jesus da Glória revela-se como um importante espaço de resistência cultural, preservação do patrimônio imaterial e fortalecimento da identidade sertaneja. A partir dos relatos coletados, percebe-se a importância da fé popular na manutenção das tradições religiosas ao longo do tempo.

Palavras-chave: Festejos religiosos; Bom Jesus da Glória; Cachoeira Grande; Jacobina (BA); Memória

RESUMEN

Este trabajo presenta un catálogo de las festividades del Bom Jesús da Glória, celebradas anualmente en la comunidad de Cachoeira Grande, en el municipio de Jacobina, Bahía, desde 1952. El objetivo es registrar y preservar la memoria de esta manifestación religiosa y cultural a través de entrevistas con los habitantes que participaron en la fundación, organización y continuidad de las celebraciones. Las festividades incluyen misas, procesiones con andores, momentos de confraternización y otras actividades que expresan la fe, la devoción y la identidad cultural de la comunidad. La investigación evidencia la importancia de la devoción al Bom Jesús da Glória para la vida social y cultural del distrito, mostrando cómo las prácticas religiosas fortalecen los vínculos comunitarios, transmiten valores y garantizan la preservación de la memoria colectiva. Además, la documentación de relatos orales permite registrar experiencias, conocimientos e historias personales, muchas veces no sistematizadas, asegurando que estas narrativas se conserven para las futuras generaciones. A través de este catálogo, se busca dar visibilidad a las tradiciones locales, evidenciando la relación entre religiosidad, cultura y sociabilidad. En síntesis, la fiesta del Bom Jesús da Glória se revela como un espacio importante de resistencia cultural, preservación del patrimonio inmaterial y fortalecimiento de la identidad sertaneja. A partir de los relatos recopilados, se percibe la importancia de la fe popular en el mantenimiento de las tradiciones religiosas a lo largo del tiempo.

Palabras clave: festividades religiosas; Bom Jesús da Glória; Cachoeira Grande; Jacobina (BA); memoria.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa Microrregião de Jacobina-BA	15
Figura 2: Representação topográfica do distrito de Cachoeira Grande, Jacobina – BA.....	18
Figura 3: Barragem de Cachoeira Grande, principal manancial de água potável do distrito e região.....	19
Figura 4: Cavalgada Cristã pelas ruas do distrito.....	23
Figura 5: Representação do vaqueiro nordestino durante cavalgada Cristã.....	24
Figura 6: Prendas doadas pela comunidade para o leilão da Festa do Bom Jesus.....	26
Figura 7: Apresentação do grupo Bumbeiros animando a festa após o leilão.....	27
Figura 8: Imagem do Bom Jesus da Glória, referência central da comunidade.....	28
Figura 9: Procissão luminosa.....	29
Figura 10: Fiéis se reúnem na procissão do ano 2025.....	30

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	09
2 CACHOEIRA GRANDE E O RIO: ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS	17
3 RELIGIOSIDADE CATÓLICA E A FESTA DO BOM JESUS DA GLÓRIA	22
4. DEVOTOS E ORGANIZADORES DOS FESTEJOS DO BOM JESUS DA GLÓRIA E MINIBIOGRAFIAS DOS (AS) INTERLOCUTORES(AS)	31
5. ENTREVISTAS	34
Josefa Maria de Sena. (81 anos)	34
Maria Francisca Simões (81 anos)	37
Edelzuita Costa de Araújo (75 anos)	41
Neurani Marcelo de Sena (53 anos)	44
Jairo Pereira da Silva (48 anos)	46
Elvira Fernandes da Silva (38 anos)	49
Henrique Pereira de Brito (31 anos)	52
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE –Roteiro de Entrevista	60

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar um catálogo dedicado à história e à memória dos festejos do Bom Jesus da Glória, celebrados na comunidade de Cachoeira Grande, localizada no município de Jacobina, Bahia. A proposta visa registrar e preservar a trajetória dessa manifestação religiosa e cultural por meio de uma coletânea de entrevistas, reunindo testemunhos orais de diferentes agentes que participaram da fundação, organização e continuidade dos festejos ao longo dos anos. O catálogo abrange o período compreendido entre 1952 e 2025, constituindo-se como um importante instrumento de valorização e salvaguarda da memória coletiva da comunidade.

O porquê da escolha do catálogo reside na necessidade de preservar a memória dos festejos do Bom Jesus da Glória, registrar os relatos da comunidade e valorizar a cultura e a religiosidade de Cachoeira Grande, assegurando o registro dessas experiências para a posteridade e facilitando a consulta. Ao reunir esses registros, o catálogo colabora para a preservação do patrimônio histórico e cultural local, fortalecendo a identidade coletiva e o sentimento de pertencimento comunitário.

A relação com a escolha do local decorre do vínculo construído com a comunidade de Cachoeira Grande e da participação contínua nos festejos do Bom Jesus da Glória, o que me permitiu o desenvolver de um olhar sensível e comprometido com essa memória. Resido no distrito desde os 11 anos de idade. A participação nos festejos desde a infância, incentivada por meus pais, consolidou um forte vínculo afetivo e cultural com essa tradição, bem como uma profunda devoção ao Bom Jesus da Glória.

Todos os anos, desde 1952, entre os dias 28 de julho e 6 de agosto, a comunidade de Cachoeira Grande, em Jacobina, Bahia, celebra os festejos do Bom Jesus da Glória. É um período em que as famílias se reúnem, os visitantes retornam à comunidade. O festejo reúne centenas de pessoas que participam das missas, procissões em momentos de confraternização em homenagem ao padroeiro da igreja local, a qual representa a entrega das vocações cristãs, a vida religiosa e a fé. Desse modo, os fiéis saem em procissão pelas ruas da comunidade com andores com imagens de santos católicos em louvor ao seu padroeiro. A história do festejo está intrinsecamente ligada à memória e à devoção dos moradores mais antigos. Segundo relatos da comunidade, a imagem teria sido trazida de Bom Jesus da Lapa, por um antigo morador da comunidade, chamado de Joaquim Pereira. A imagem teria sido o pontapé inicial para a criação do festejo do Bom Jesus da Glória.

O porquê da escolha do catálogo consiste na necessidade de preservar a memória dos festejos do Bom Jesus da Glória, registrar os relatos da comunidade e valorizar a cultura e a religiosidade de Cachoeira Grande, sobretudo é uma forma de garantir o registro dessas experiências para a posteridade. Ademais, o catálogo possibilita a organização sistemática das informações coletadas, facilitando o acesso da comunidade e de pesquisadores ao seu conteúdo.

A festa do padroeiro constitui uma manifestação religiosa e cultural profundamente enraizada nas tradições das comunidades católicas. Trata-se da escolha de um santo para representar e proteger a igreja local, expressando a fé e a devoção dos fiéis. Todos os anos, na data dedicada ao padroeiro, a comunidade se mobiliza para realizar diversas atividades religiosas e culturais, como missas, procissões pelas ruas com o santo em andores e cortejos festivos.

Segundo Lucilene Reginaldo (2011), no período colonial as irmandades negras desempenharam um papel fundamental na organização dos festejos dedicados aos seus padroeiros. Os integrantes dessas confrarias promoviam celebrações marcadas pela solenidade, que ultrapassavam o âmbito religioso e constituíam importantes espaços de sociabilidade. Esses festejos afirmavam-se pela riqueza simbólica expressa nos cortejos e nas homenagens prestadas aos santos escolhidos. Conforme destaca:

Muitos fatores pesaram na escolha dos santos patronos. Entre os negros, a afinidade epidérmica e geográfica não pode ser desconsiderada. A valorização dos santos negros, ainda que humildes servos como São Benedito e Santo Antônio de Categeró, não deixava de ser um campo aberto para reinterpretações da mensagem católica. (Reginaldo, 2011, p. 138),

No caso dos Festejos do Bom Jesus da Glória, observa-se que, embora não sejam ligados diretamente às antigas irmandades negras, mantêm elementos que dialogam com essa herança, a presença de cortejos, procissões luminosas, cantorias e a animação dos bumbeiros, além de diversos momentos de convivência comunitária.

A devoção ao Bom Jesus é bastante predominante nas margens dos rios São Francisco e Itapicuru, no interior dos sertões baianos. As manifestações de fé das populações sertanejas estão ligadas à necessidade de um Jesus misericordioso, que se compadeça dos clamores do seu povo. Desse modo, a devoção ao santo relaciona-se à crença popular de que o Bom Jesus, em sua infinita misericórdia, se sensibiliza com o sofrimento daqueles que o invocam. Assim,

nas épocas de seca e estiagem, é comum o sertanejo se apegar à fé, pedindo ao Bom Jesus o “bom tempo”. Essas devoções refletem a busca por esperança e consolo diante das adversidades do semiárido.

Janilson Magalhães (2010), ao analisar as romarias católicas no território das bacias hidrográficas do rio São Francisco, na cidade de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, destaca em sua tese a profunda profissão de fé do sertanejo, que se dirige ao Bom Jesus para pedir e agradecer pelos muitos milagres atribuídos ao santo. Desse modo, o autor afirma que:

Pode-se pensar na existência de uma moral religiosa camponesa, que envolve toda a comunidade, ligando cada um dos seus integrantes. Todas as festas religiosas, com suas especificidades, os santos, o batismo e outros ícones responsáveis por esta moral contribuem para a construção de uma fisionomia sui generis do mundo rural brasileiro, o qual, atualmente, também sofre influências das igrejas pentecostais. (Magalhães, 2010, p. 42).

Essa moral religiosa camponesa, mencionada por Magalhães (2010), manifesta-se nas práticas cotidianas do sertanejo. Desse modo, segundo o autor, para além do campo estritamente religioso, as festas de padroeiro constituem uma forma de resistência cultural da população nordestina, atuando como verdadeiros núcleos de preservação da memória coletiva.

Desse modo, as festas de padroeiros e as devoções católicas devem ser compreendidas como expressões culturais e sociais, nas quais se evidenciam valores, tradições e modos de vida transmitidos entre gerações. É necessário levar em consideração a bagagem simbólica e cultural dessas manifestações, que mantêm viva a herança deixada pelos antepassados. Além disso, as relações de solidariedade firmadas a partir da interação entre os agentes envolvidos na organização dos festejos configuram-se como importantes estratégias de preservação da cultura e da coesão social.

As festas religiosas estão diretamente ligadas à memória social e à identidade das comunidades. Por meio delas, é possível compreender e reinterpretar acontecimentos do passado que permanecem vivos na cultura popular. De acordo com Michael Pollak (1992, p. 5) “Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade”. Desse modo, a reflexão de Pollak (1992) ajuda a compreender como as festas religiosas funcionam como espaços de construção e preservação da memória coletiva.

Por meio delas é possível acessar acontecimentos do passado e compreender a bagagem cultural social de um grupo de pessoas. Assim como as demais práticas de fé popular, as festas de padroeiro possuem uma dimensão simbólica e espiritual que expressa a coletividade da fé sertaneja.

Sendo assim, a mobilização popular em prol da realização do festejo ao Bom Jesus da Glória, na comunidade de Cachoeira Grande, revela a força da fé e o engajamento coletivo dos moradores. Essa participação ativa demonstra o compromisso da comunidade em preservar suas tradições religiosas, que se mantêm vivas por meio da colaboração popular e do sentimento de pertencimento. A organização do festejo envolve esforços conjuntos que fortalecem os vínculos sociais.

O presente estudo adotou uma abordagem qualitativa baseada na história oral, com o propósito de catalogar relatos pessoais sobre os Festejos do Bom Jesus da Glória na comunidade de Cachoeira Grande. Essa perspectiva reconhece que a experiência e a memória dos participantes também constituem fontes legítimas e valiosas de informação, podendo ser também problematizadas. A primeira etapa consistiu na leitura por parte da pesquisadora e no estudo da temática. Inicialmente, foram realizadas leituras específicas sobre as festas religiosas, como os autores Lucilene Reginaldo (2011) e Janilson Magalhães (2010), bem como sobre as metodologias de História Oral, recorreu-se a autores fundamentais no campo, como Paul Thompson (1992) Philippe Joutard (2006) Danièle Voldman (2006) e Jean-Jacques Becker (2006), cujas reflexões oferecem bases teóricas sólidas para a compreensão do uso da memória, das narrativas orais e dos processos sociais envolvidos na construção das tradições religiosas.

A seleção e organização dos participantes ocorreram por meio de amostragem intencional, considerando o grau de envolvimento, o tempo de participação e o conhecimento dos sujeitos acerca dos festejos do Bom Jesus da Glória. Buscou-se contemplar a diversidade de experiências, funções e gerações, incluindo moradores antigos, participantes da organização e colaboradores da festa.

As entrevistas foram realizadas de forma individual, utilizando-se o método da História Oral, com aplicação de entrevistas semiestruturadas, previamente organizadas em eixos temáticos. Os depoimentos foram gravados em áudio, mediante autorização dos participantes, posteriormente transcritos integralmente e analisados de forma qualitativa,

sendo então incorporados ao desenvolvimento do trabalho como fonte de memória e interpretação histórica. As perguntas encontram-se no apêndice ao final do trabalho.

O Primeiro eixo: Histórico e participação da pessoa na festa. Este eixo, composto por seis perguntas, buscou compreender o histórico de vida do(a) interlocutor(a) em relação à comunidade e aos festejos do Bom Jesus da Glória. As questões abordaram o período de residência em Cachoeira Grande, a vivência religiosa e a presença do catolicismo no âmbito familiar, bem como as memórias relacionadas à fundação da capela matriz. Investigou-se, ainda, o início da participação nos festejos, os motivos que levaram ao envolvimento com a festa e as lembranças do primeiro ano de participação. Por fim, procurou-se identificar a atuação do(a) interlocutor(a) na organização dos festejos, destacando as funções desempenhadas junto à comunidade.

O Segundo eixo: Organização da festa, logística e comunidade (economia e política), é composto por quatro perguntas, teve como objetivo compreender os aspectos relacionados à organização dos festejos do Bom Jesus da Glória, abrangendo sua logística e a participação da comunidade, bem como as dimensões econômica e política envolvidas na realização da festa. As questões buscaram identificar as pessoas que contribuíram e apoiaram os festejos ao longo do tempo, destacando as diferentes formas de colaboração. Investigou-se, ainda, o apoio de agentes políticos da região, seja por meio de recursos financeiros ou de doações materiais. Além disso, abordaram-se as dificuldades enfrentadas ao longo dos anos para a organização da festa e, por fim, refletiu-se sobre a importância dos festejos do Bom Jesus da Glória para a comunidade de Cachoeira Grande.

O Último eixo: O significado da festa para o(a) interlocutor(a), composto por quatro perguntas, cujo objetivo foi compreender o sentido atribuído aos festejos do Bom Jesus da Glória. As questões abordaram a permanência da participação na festa e os motivos que impulsionam essa continuidade ao longo dos anos, bem como os aspectos mais marcantes vivenciados durante os festejos. Buscou-se, ainda, captar as sensações, emoções e sentimentos despertados ao rememorar a festa, além de possíveis testemunhos de fé ou relatos de graças e milagres atribuídos ao Bom Jesus da Glória.

A História Oral como disciplina possui um campo epistemológico próprio, distinto dos métodos tradicionais baseados exclusivamente em documentos escritos considerados oficiais. Ainda assim, os testemunhos orais muitas vezes não recebem o devido valor como fontes

históricas e de pesquisa, sendo ignorados como instrumentos legítimos para acessar o passado. A oralidade, transmitida de boca a boca, preserva informações riquíssimas sobre o passado e o presente, assegurando que diversos conhecimentos sejam repassados de geração em geração. Dessa forma, constitui uma fonte essencial para o estudo do passado e presente, pois seus saberes e tradições permanecem conservados justamente por meio da transmissão oral. De acordo com Lucileide Costa Cardoso:

A partir da primeira metade do século XX, a prática historiográfica buscou reavaliar os critérios pelos quais se devem julgar as fontes históricas. Nessa perspectiva, considerou-se que subjetividade, seletividade e falibilidade são aspectos relativos a toda a produção do conhecimento e se procurou estabelecer de forma mais nítida a existência de um lugar sócio-político, econômico e cultural de produção, em função dos quais os métodos são instaurados e as indagações relativas ao documento organizadas. (Cardoso, p.153, 2010)

Em vista disso, a proposta de utilizar relatos orais mostra-se fundamental para investigar a história da festa, considerando que muitas das pessoas que participaram da fundação do festejo ainda estão vivas e compartilham suas memórias sobre a criação da celebração em honra ao Bom Jesus da Glória. Além disso, observa-se que ainda não há registros sistematizados desses testemunhos, o que reforça a importância de catalogar e preservar essas narrativas para a posteridade. Assim, evidencia-se a necessidade de investigar e documentar os 65 anos de devoção ao Bom Jesus da Glória na comunidade de Cachoeira Grande, garantindo que essa história permaneça viva e acessível às gerações futuras.

Acerca da localidade onde a pesquisa foi realizada, destaca-se que a cidade de Jacobina, situada na região centro-norte do estado da Bahia, possui 82.590 habitantes, conforme os dados do Censo de 2022 do IBGE. Conhecida como “Cidade do Ouro”, destaca-se por sua importância histórica e pelo papel desempenhado no ciclo do ouro no interior baiano. Dentro desse município, encontra-se o distrito de Cachoeira Grande, local onde se desenvolvem os festejos ao Bom Jesus da Glória e onde esta pesquisa foi conduzida.

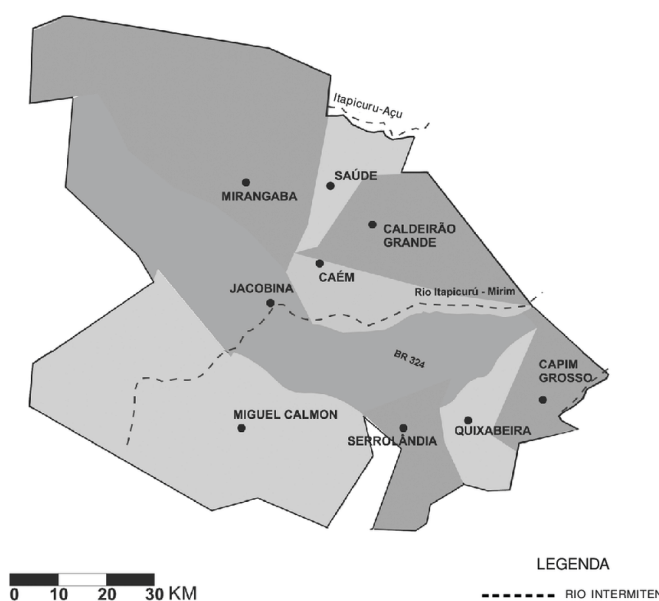
De acordo com Héliida Santos Conceição (2016), a antiga vila de Santo Antônio de Jacobina foi fundada em 1720, por meio de uma Carta Régia de D. João V. A descoberta de minas de ouro na região atraiu um grande fluxo de imigrantes, movidos pela expectativa de enriquecimento rápido. Esse movimento populacional contribuiu significativamente para o desenvolvimento demográfico e econômico da localidade, transformando a vila em um espaço de intensa circulação de pessoas, mercadorias e culturas.

A prosperidade gerada pela mineração tornou Jacobina um importante polo econômico da região, promovendo transformações significativas na dinâmica social da vila. Esse processo de desenvolvimento impulsionou mudanças nas relações sociais, na organização do território e na formação de novos arranjos familiares e econômicos.

O município possui atualmente 22 distritos, cuja economia é sustentada principalmente pela agropecuária, pela mineração e pelo comércio. Além das minas auríferas, Jacobina também é privilegiada por vias hídricas abundantes, uma vez que o Rio Itapicuru corta a cidade e atravessa diversos distritos, contribuindo para o abastecimento local e para a dinâmica econômica da região.

No campo religioso, o catolicismo é a fé predominante entre os habitantes, evidenciado pela expressiva devoção a Santo Antônio, padroeiro da cidade, cuja festa é celebrada anualmente em 13 de junho. Esse evento religioso constitui um dos principais marcos do calendário cultural local. Assim, a prática devocional a Santo Antônio compõe parte significativa da identidade simbólica da comunidade, reforçando os laços de pertencimento e a continuidade histórica. O mapa abaixo localiza o município de Jacobina e os seus municípios limítrofes.

Figura 1- Mapa Microrregião de Jacobina-BA



Fonte: Saito, Carlos Hiró; Desenvolvimento Tecnológico e Metodológico para Mediação entre Usuários e Comitês de Bacia Hidrográfica. Brasília: Universidade de Brasília, 2004. 137 p.45

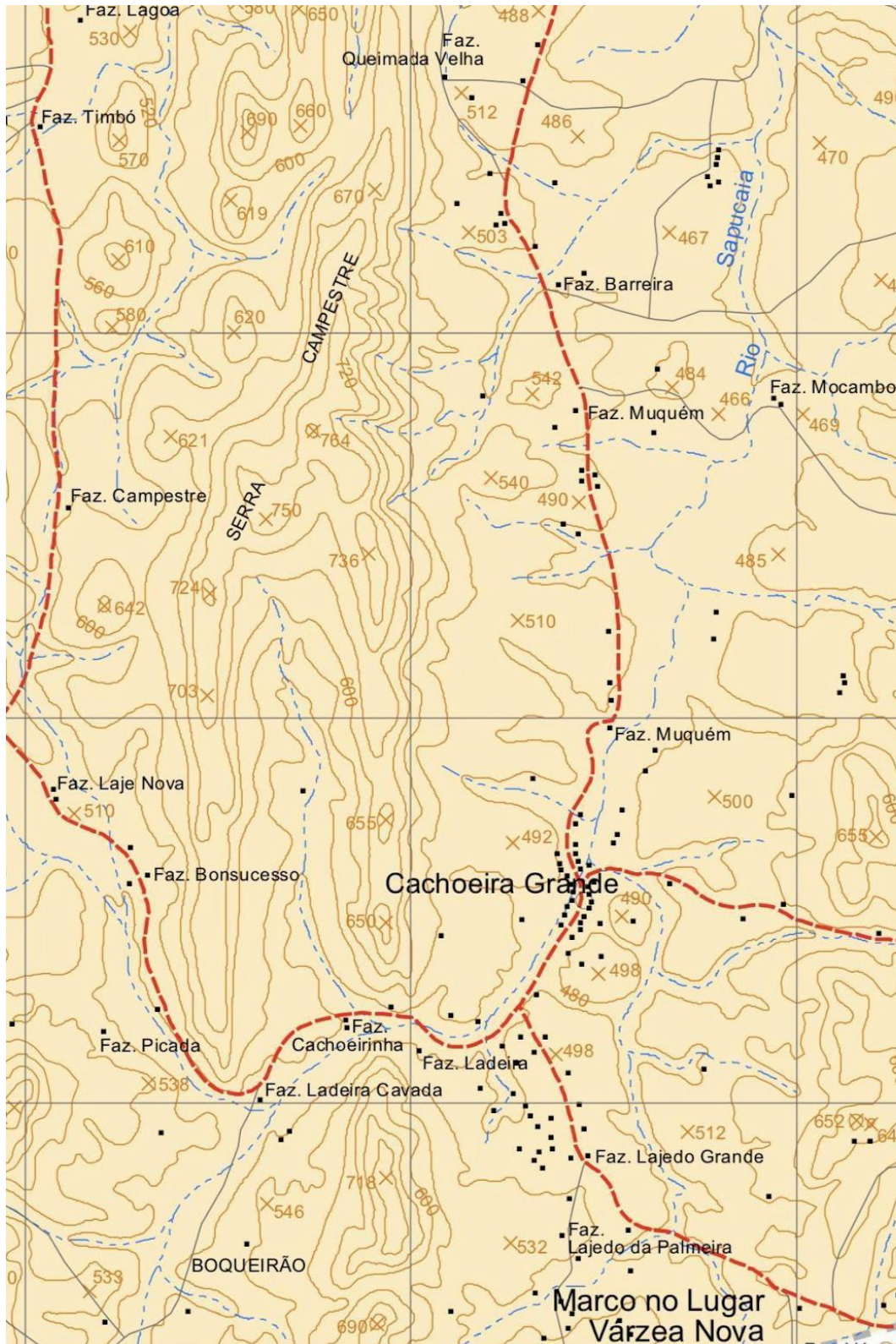
Entre os distritos da região de Jacobina, destacam-se Caatinga do Moura e Cachoeira Grande pela forte religiosidade e pela expressiva devoção ao Bom Jesus da Glória. Nessa mesma perspectiva, Cachoeira Grande e Caatinga, anualmente, entre os dias 28 de julho e 6 de agosto, a tradicional Festa do Bom Jesus da Glória, considerada uma das manifestações religiosas mais importantes e representativas do município, reunindo fiéis de diversas localidades e reforçando vínculos de fé, identidade e pertencimento comunitário.

2. CACHOEIRA GRANDE E O RIO: ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS

Cachoeira Grande está localizada a 28 quilômetros da sede do município de Jacobina. O distrito possui aproximadamente 2 mil habitantes e apresenta uma dinâmica econômica sustentada, sobretudo, pela agricultura e pelo turismo. No âmbito do território do Piemonte da Diamantina, destaca-se por abrigar importantes bacias fluviais do Rio Itapicuru, elemento que exerce influência direta na organização sócio-espacial, como a distribuição das moradias, o uso do solo e as formas de ocupação do território, bem como nas práticas produtivas ligadas à agricultura familiar e às atividades de subsistência desenvolvidas pelos moradores.

A hidrografia privilegiada do distrito é composta por rios, lagoas e poços. Articulada à diversidade de formações vegetais, como campos naturais, áreas de caatinga e remanescentes de mata, evidencia a profunda interdependência entre os elementos do ambiente natural e o desenvolvimento econômico local. Essas características ambientais contribuem para a consolidação de uma economia de base agropastoril, uma vez que grande parte das atividades econômicas está vinculada ao uso da terra para a criação de gado, favorecida pelas extensas áreas de planície e pela abundância de recursos hídricos. A seguir, é exibido o mapa que delimita o município de Jacobina e mostra a inserção geográfica de Cachoeira Grande em seu território.

Figura 2 - Representação topográfica do distrito de Cachoeira Grande, Jacobina – BA.



Fonte: IBGE. Mapa de Jacobina – Bahia: limites municipais. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022 (Recorte feito pela pesquisadora)

Desse modo, conforme evidenciado no mapa acima, os distritos mantêm uma interação direta com as vias hídricas da região, em virtude da proximidade do Rio Itapicuru Mirim, que o atravessa. Esse rio, principal manancial da região, é responsável pelo abastecimento de água potável e pelo suporte às atividades econômicas e sociais locais, destacando a importância dos recursos hídricos para a manutenção dos ecossistemas e para o desenvolvimento da comunidade.

Entre os principais mananciais de água doce da região, destaca-se a Barragem de Cachoeira Grande, formada pela confluência dos braços do Rio Itapicuru Mirim. Localizada a aproximadamente 3 km acima do povoado, a barragem é responsável pelo abastecimento de água potável do distrito, de parte do município de Jacobina e da cidade de Serrolândia. Além de sua função no fornecimento de água, a barragem contribui para a manutenção dos ecossistemas locais, influenciando a fauna, a flora e as atividades econômicas que dependem dos recursos hídricos da região. Desse modo, para ilustrar a relevância deste manancial, a imagem da estrutura da Barragem.

Figura 3 – Fotografia: Pessoas no Vertedouro da Barragem Barragem de Cachoeira Grande, principal manancial de água potável do distrito e região.



Fonte: Site Macubense Life (Org.)

Não se sabe ao certo a história da fundação do distrito de Cachoeira Grande, mas relatos de moradores mais antigos indicam que o povoado surgiu a partir da criação de gado e da instalação de currais próximos ao Rio Itapicuru Mirim. Dessa forma, a interação da

população com o ambiente natural condicionou os padrões de ocupação, como a construção de residências nas proximidades do rio. Até os dias atuais, observa-se uma forte ligação da população com o rio, uma vez que, antes da implementação do sistema de água encanada, suas águas eram utilizadas para banhos, para a lavagem de utensílios domésticos e de roupas, sendo essenciais para a higiene cotidiana do lar.

Segundo relatos de moradores mais antigos, o nome Cachoeira Grande teria origem em uma cachoeira que existia no centro do distrito e que foi removida para a construção de uma ponte. Dessa forma, embora atualmente não haja cachoeiras na região, apenas o Rio Itapicuru Mirim, o nome do distrito permanece associado a esse antigo elemento natural.

Atualmente o “Rio de Cachoeira” como é popularmente chamado, significa para a população mais do que apenas um rio, tendo em vista que, que a economia do distrito depende majoritariamente dele. A exemplo das plantações de alimentos derivados, que são irrigados com a água do rio, também os balneários à beira do rio atraem muitos turistas.

A feira livre de Cachoeira Grande, realizada tradicionalmente aos domingos, constitui um espaço central de comércio e sociabilidade para o distrito, atraindo pessoas de povoados vizinhos, como Queimadas Velha, Ruas Flores, Vazia da Lage e Moreira. Nesse ambiente, são comercializados diversos produtos, destacando-se alimentos frescos, como hortaliças cultivadas no próprio distrito ou em regiões próximas, frequentemente irrigadas, além de carnes, frutas, roupas e outros itens de consumo cotidiano.

Mais do que uma função econômica, a feira desempenha um papel social e cultural relevante, permitindo a interação entre os moradores, a troca de experiências e o fortalecimento dos vínculos comunitários. Esse ambiente reflete a vida cotidiana e a identidade cultural local, consolidando-se como um espaço essencial para a preservação das tradições e práticas coletivas do povoado.

Além da feira, a economia do distrito também é impulsionada pela produção de farinha de mandioca e da goma de tapioca, práticas profundamente enraizadas na cultura local. Os moradores se reúnem nas casas de farinha, espaços tradicionais destinados ao processamento da mandioca para produzir esses alimentos, que posteriormente são comercializados tanto no próprio distrito quanto nos povoados vizinhos.

A produção da goma de tapioca constitui outro aspecto significativo dessa dinâmica econômica. Durante o processo de fabricação da farinha, a goma é extraída e transformada em beijus, muitas vezes elaboradas nas próprias casas de farinha. Paralelamente, a tapioca em sua forma natural também é amplamente utilizada para o preparo de beijus em ambientes domésticos.

Outro alimento bastante comum produzido em Cachoeira Grande é o requeijão, queijo juntamente com a manteiga de gado, ambos produzidos nas chamadas desnatadeiras. Utiliza-se o leite das vacas criadas ao redor do distrito, comprado pelos donos das desnatadeiras aos pequenos produtores rurais. A partir do processamento do leite, são produzidos o requeijão, queijo e a manteiga, que posteriormente são comercializados em mercados da região e na feira livre do distrito. Essas práticas reforçam a importância da produção artesanal na dinâmica econômica local e evidenciam a continuidade de saberes tradicionais associados ao modo de vida rural.

Em termos de serviços, a comunidade necessita deslocar-se para a sede do município, Jacobina, para ter acesso a atendimentos mais amplos, por exemplo, para resolver questões bancárias e utilizar serviços dos Correios. Os moradores dependem desse trânsito constante. Essa necessidade de deslocamento evidencia a carência de serviços essenciais dentro da própria comunidade, reforçando a relação de dependência com a cidade-sede e destacando os desafios cotidianos enfrentados pelos habitantes de Cachoeira Grande. Além disso, muitas pessoas da comunidade trabalham em Jacobina, o que intensifica ainda mais a rotina de deslocamentos diários. A busca por emprego na sede do município ocorre devido a poucas oportunidades de empregos.

3. RELIGIOSIDADE CATÓLICA E A FESTA DO BOM JESUS DA GLÓRIA

A comunidade católica demonstra expressivo engajamento nas celebrações e datas comemorativas do calendário litúrgico. Entre elas destaca-se a Quaresma, período de 40 dias que se inicia na Quarta-feira de Cinzas e se estende até a Sexta-feira da Paixão, convidando os fiéis à reflexão sobre a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Durante esse tempo, são realizadas orações, novenas, vias-sacras e momentos de penitência, que reforçam a espiritualidade comunitária.

Outro período de grande importância é o Mês Mariano, celebrado de 1º a 31 de maio, dedicado à reflexão e às homenagens à Maria, mãe de Jesus. As atividades incluem rezas do terço, procissões, coroações e encontros comunitários, que fortalecem a devoção mariana e representam momentos de união entre os moradores.

A principal manifestação religiosa de Cachoeira Grande é a festa em honra ao padroeiro, o Bom Jesus da Glória, realizada anualmente desde 1952. As celebrações ocorrem entre os dias 28 de julho e 6 de agosto e reúnem centenas de pessoas, tanto moradores quanto visitantes de comunidades vizinhas. Durante esse período, a igreja torna-se o centro das atividades, que incluem missas, novenas, procissões e momentos de confraternização. A festa do padroeiro constitui não apenas um ato de fé, mas também já um importante elemento de preservação das tradições locais e de fortalecimento dos laços sociais no povoado.

A festa começa a ser preparada com quatro a cinco meses de antecedência. Nesse período, são anunciadas as vendas das camisas confeccionadas anualmente, elaboradas de acordo com o calendário litúrgico da igreja e com a temática do Bom Jesus da Glória. Também são realizadas reuniões abertas à comunidade, nas quais os moradores podem opinar e contribuir com sugestões para a organização do festejo. As pastorais da igreja se mobilizam e se dividem para solicitar doações tanto nas comunidades vizinhas quanto no próprio distrito. Entre os itens doados estão porcos, bovinos, galinhas, pudins, utensílios domésticos e diversos outros objetos que serão posteriormente leiloados durante a festa, reforçando o caráter colaborativo e a participação coletiva que sustentam a tradição ao longo dos anos.

As camisas confeccionadas são usadas especialmente nos dias de *tríduo*, que corresponde a um período de três dias seguidos destinados às celebrações e práticas preparatórias dentro da tradição católica, além das celebrações religiosas, são instaladas

barraquinhas que comercializam diferentes alimentos, possibilitando que os participantes se alimentem e socializem. Entre os itens vendidos estão pudins, cachorro-quente, sopas, caldos, refrigerantes, entre outros. Esse momento integra a dimensão religiosa e comunitária da festividade, fortalecendo os vínculos sociais e mantendo viva a tradição local.

A cavalgada cristã é outro evento marcante da região, reunindo um grande número de pessoas em um momento de fé. Durante o percurso, os participantes saem montados em seus cavalos e alguns jumentos percorrendo as ruas do distrito e exaltando a figura do vaqueiro nordestino, símbolo do trabalho no campo. Abaixo, seguem duas fotografias que registram esse momento.

Figura 4 – Cavalgada Cristã pelas ruas do distrito



Fonte: Acervo pessoal (03/08/2026)

A figura acima mostra um grupo de cavaleiros participando da cavalgada Cristã no festejo do Bom Jesus da Glória. À frente, um dos participantes carrega uma grande bandeira branca com o símbolo de um cavalo e a palavra “cavalgada”, é o outro cavaleiro ao lado segura uma segunda bandeira, referente ao evento religioso. Os participantes vestem chapéus de couro, reforçando a identidade sertaneja. Entre eles há também crianças montadas,

demonstrando a participação familiar e comunitária na celebração. Agora veja a próxima figura:

Figura 5 –Representação do vaqueiro nordestino durante a Cavalgada Cristã



Fonte: Acervo pessoal (03/08/2025)

Já na figura acima mostra um homem montado em um jumento durante a Cavalgada Cristã, realizada em um dos dias do tríduo do Bom Jesus da Glória em 2025. Ele veste uma camisa de manga longa vermelha, utilizada como proteção solar, e um chapéu de couro característico do sertanejo que trabalha na roça. Essa representação evidencia o cotidiano do homem do campo e o modo de transporte típico utilizado nas atividades rurais. Ao fundo, vê-se a Igreja Matriz do Bom Jesus da Glória e os toldos montados em sua frente, onde há pessoas reunidas aguardando a chegada dos cavaleiros.

Como é possível visualizar nas figuras apresentadas, a representação do vaqueiro nordestino está fortemente presente ao longo do cortejo. Portanto, observa-se que a cavalgada

cristã desempenha um papel significativo na construção e reafirmação da identidade cultural local, evidenciando a força das tradições sertanejas.

Outras comunidades são convidadas a participar das celebrações realizadas ao longo dos dias de tríduo, que seguem até o dia 5 de agosto. Na noite do dia 5, corre uma preparação especial para o grande dia da festa, celebrado em 6 de agosto. Nesse momento, grupos conhecidos localmente como bumbeiros percorrem as ruas do distrito tocando instrumentos musicais tradicionais, como o tambor e o triângulo, e entoando cantigas antigas, chamadas regionalmente de piegas. Essa prática se estende até a madrugada, convidando e animando a população para o dia principal da festividade.

Ainda nos dias atuais, observa-se que essa manifestação musical preserva características associadas ao sincretismo religioso e à influência de matrizes culturais africanas. As piegas, entoadas pelos bumbeiros, apresentam ritmo marcado pela percussão e remetem a tradições semelhantes ao samba, constituindo uma expressão cultural que articula devoção, identidade e memória coletiva dentro dos festejos católicos da comunidade.

Já no dia 6 de agosto, o dia da festa nas primeiras horas da manhã, por volta das 06:00 horas, acontece a alvorada, quando o alto falante da igreja executa a música oficial dedicada ao padroeiro “Meu Bom Jesus da Glória” convocando os moradores para iniciar as celebrações do dia festivo. Essa sequência de rituais reforça a devoção comunitária e evidencia a força das tradições culturais que marcam a identidade religiosa local.

A missa em homenagem ao padroeiro é realizada às 10:00 horas, ocorre de forma campal, reunindo uma grande quantidade de fiéis na praça em frente à igreja. Para acolher melhor os participantes, são instaladas estruturas que oferecem proteção contra o sol. Antes da celebração, há uma ampla mobilização comunitária voltada para a limpeza e organização da igreja, bem como para a preparação dos arranjos florais colocados na miradoura. Todo esse trabalho é realizado de maneira voluntária pelos fiéis, evidenciando o compromisso e a devoção da comunidade.

A missa campal, considerada um dos momentos mais significativos da festa, atrai não apenas os moradores do distrito, mas também pessoas de outras religiões que comparecem para assistir à tradicional celebração fortalecendo o sentimento de pertencimento e identidade local.

Após a missa, ocorre o almoço comunitário, no qual são servidos lanches e refeições aos participantes. Já às 14:00 horas, acontecem os leilões, momento em que são arrematadas diversas prendas arrecadadas e doadas pela população ao longo da preparação da festa. O evento ainda conta com a animação do grupo Bumbeiros. Esses momentos complementam o caráter religioso e social da celebração, reforçando a importância da participação coletiva para a continuidade dessa tradição.

Figura 6: Prendas doadas pela comunidade para o leilão da Festa do Bom Jesus.



Fonte: Acervo pessoal (06/08/2025)

Na figura, observa-se uma mesa coberta com uma toalha vermelha, sobre a qual estão expostos diversos bolos e tortas. Abaixo da mesa, no chão de paralelepípedos, encontram-se galinhas e frangos, criações locais, muitos deles reunidos próximos às sacolas e aos produtos expostos. Ao redor dos animais, há itens produzidos pela comunidade, como abóboras grandes, sacolas contendo alimentos e um cacho de bananas. Essas doações representam a generosidade dos moradores e a forte participação comunitária.

Os grupos de bumbeiros desempenham um papel significativo nos Festejos do Bom Jesus da Glória, atuando como responsáveis por conduzir a animação durante os leilões.

Formados por pessoas que utilizam instrumentos como tambores, esses grupos ajudam a criar um clima de entusiasmo e participação coletiva. Abaixo segue a figura:

Figura 7: Apresentação do grupo Bumbeiros animando a festa após o leilão.



Fonte: Acervo pessoal (06/08/2025)

Na figura, observa-se um grupo de homens sentados nos bancos da frente, os bumbeiros, em sua maioria idosos, atentos ao ambiente ao redor. Em destaque, um senhor de chapéu de palha sorri enquanto segura as baquetas. Ao seu lado, outro homem, usando chapéu e camisa floral colorida, observa a cena com atenção. Sob a tenda, várias pessoas de diferentes idades estão sentadas ou em pé, acompanhando a apresentação; muitas vestem roupas casuais. Ao fundo, nota-se um maior número de participantes reunidos, alguns conversando, outros assistindo, compondo um ambiente de interação típico do festejo.

A festa termina com a procissão luminosa, na qual as imagens religiosas são enfeitadas com flores. Para isso, a comunidade se mobiliza por meio de rifas e arrecadações, destinando os recursos para a compra das flores. Frequentemente, também são recebidas doações anônimas que contribuem para o embelezamento da igreja.

As flores são utilizadas para enfeitar as imagens religiosas e o interior da igreja. Para viabilizar essa decoração, a comunidade se mobiliza por meio de rifas, doações de objetos e contribuições anônimas. Entre os itens rifados estão kits de perfume, vasilhas e outros utensílios, cujo valor arrecadado é destinado à compra das flores. Essa prática evidencia não apenas a devoção religiosa, mas também a solidariedade presentes na organização do evento.

Figura 8: Imagem do Bom Jesus da Glória, referência central da comunidade



Fonte: Acervo pessoal (06/08/2025)

Na figura observa-se a imagem do Bom Jesus da Glória ocupando posição central. O Cristo está disposto sobre um andor, a mesa está coberta com tecido branco, sendo preparado para ser elevado durante a procissão. O conjunto é adornado por rosas vermelhas, que simbolizam a Paixão e o Sacrifício de Cristo, e rosas amarelas, que representam a Glória, destacando a sacralidade da imagem e sua importância para a devoção local. Abaixo segue a figura:

Figura 9: Procissão luminosa



Fonte: Acervo pessoal (06/08/2025)

A figura retrata uma procissão caminhando no final da tarde, sob uma luz dourada do pôr do sol. No centro do cortejo, um grupo de homens carrega um andor ornamentado com muitas flores vermelhas e amarelas, onde está colocada a imagem de Jesus Bom Jesus da Glória, alguns vestem a blusa do Bom Jesus da Glória do ano de 2025, que segue a temática do Jubileu convocado pelo Papa Francisco, com o lema “Peregrinos da Esperança”. Sua cor verde simboliza a natureza, a renovação e a esperança, remetendo a Jesus como peregrino que caminha junto à humanidade. As pessoas participam com bastante devoção, várias segurando velas acesas, o que reforça o caráter religioso. Outras pessoas acompanham caminhando pelos lados.

A festa se encerra com a tradicional procissão luminosa, que percorre as ruas do distrito às 17h, conduzindo a imagem do Bom Jesus da Glória. Os fiéis seguem com velas nas mãos, em oração, pedindo bênçãos e agradecendo pela festividade. Bom Jesus da Glória, padroeiro da comunidade, ornamentado com flores para a procissão, e da caminhada luminosa que simboliza a fé e devoção local. Abaixo segue a figura:

Figura 10: Fiéis se reúnem na procissão do ano 2025.



Fonte: Acervo pessoal (06/08/2025)

A procissão luminosa percorre todas as ruas do distrito, marcando o encerramento dos festejos. Os fiéis caminham em oração, muitos carregando andores com imagens do Bom Jesus da Glória e de Nossa Senhora Aparecida, mantendo viva a devoção. Seguram velas, que simbolizam a luz de Cristo iluminando o mundo. À frente da procissão, as imagens sagradas são acompanhadas por um carro de som, pelo qual os participantes realizam orações, pedindo bênçãos e a proteção de Deus para as pessoas e para a comunidade.

A figura mostra a procissão realizada ao ar livre, no final da tarde, sob um céu parcialmente nublado e com pôr do sol suave. Um grande grupo de pessoas, composto principalmente por mulheres e crianças, caminha em fila ao longo da rua. Muitas delas, especialmente à esquerda, vestem camisetas da festa de 2025, identificando a participação nos festejos.

À vista dos fatos mencionados, as festividades do calendário católico no distrito de Cachoeira Grande, como a Quaresma, o Mês Mariano e as celebrações do Bom Jesus da Glória, englobam diversos momentos significativos, incluindo os tríduos, a socialização nas barraquinhas, a cavalcada cristã e a Caminhada da Luz. Essas manifestações revelam como religiosidade, cultura e vida comunitária se entrelaçam, fortalecendo os vínculos sociais, incentivando a participação da comunidade na organização da festa e preservando a identidade e as tradições locais.

4. DEVOTOS E ORGANIZADORES DOS FESTEJOS DO BOM JESUS DA GLÓRIA E MINIBIOGRAFIAS DOS (AS) INTERLOCUTORES(AS)

Apresentamos aqui brevemente, pela ordem em que foram interlocutores (as), os(as) moradores(as) envolvidos na realização dos festejos do Bom Jesus da Glória da comunidade de Cachoeira Grande, em Jacobina, Bahia. Por meio de entrevistas, registramos relatos de pessoas que participaram da fundação e da organização da festa ao longo dos anos, evidenciando sua fé, dedicação e compromisso com a preservação das tradições religiosas e culturais. As entrevistas foram realizadas seguindo uma ordem intencional, começando pelos interlocutores mais velhos e finalizando com os mais jovens. Essa sequência permite compreender a história da Festa do Bom Jesus da Glória a partir da perspectiva daqueles que vivenciaram as primeiras edições do evento

Josefa Maria de Sena

Josefa Maria de Sena, 81 anos, é uma moradora antiga de Cachoeira Grande, reconhecida pela sua fé profunda, pela força com que enfrentou a vida e pela dedicação à família e ao trabalho. Mãe de sete filhos, viveu a dor de perder dois deles, sendo um para o câncer, uma perda que marcou profundamente sua história. Aposentada e ex-cozinheira, Josefa trabalhou durante muitos anos em um hospital de Salvador que tratava crianças com câncer. Hoje, aos 81 anos, dedica grande parte do seu tempo ao cuidado de sua filha que tem paralisia cerebral. Mesmo com a idade avançada, Josefa continua firme, sustentada pela devoção ao Senhor Bom Jesus, que ela considera sua maior fonte de força, coragem e consolo.

Maria Francisca Simões

Maria Francisca Simões, 81 anos, reside no distrito de Cachoeira Grande desde 1995, embora já frequentasse a comunidade muitos anos antes de se mudar definitivamente. Antes disso, morava em um povoado próximo ao distrito, mantendo sempre uma relação de proximidade com a região. Reconhecida por sua devoção, Dona Maria é muito engajada nos festejos religiosos da igreja local, especialmente nas celebrações do Bom Jesus da Glória.

Dona Edelzuita Costa de Araújo

Dona Edelzuita, 75 anos, é moradora de Cachoeira Grande e bisavó. Ao longo da vida, dedicou-se ao trabalho na roça, atuando como lavradora tanto para o sustento próprio quanto para ajudar seus pais e criar os filhos. Passou a viver nas proximidades da comunidade de Cachoeira Grande desde jovem, mantendo forte vínculo com o lugar e com as tradições religiosas locais.

Neurani Marcelo de Sena

Neurani Marcelo de Sena, 53 anos, é trabalhadora rural e exemplo de força e resiliência na comunidade. Criou sozinha seus dois filhos, enfrentando desafios com coragem e mantendo sempre o compromisso com o trabalho e com a família. Apaixonada por plantas, Neurani cultiva com carinho o que a natureza oferece, encontrando na terra não apenas sustento, mas também paz e conexão espiritual. Sua vida é profundamente marcada pela fé: é devota do Bom Jesus da Glória e participa todos os anos das missas e das celebrações dedicadas

Jairo Pereira da Silva

Jairo Pereira da Silva, 48 anos, é professor desde 2010 e reside em Cachoeira Grande, distrito de Jacobina. Além de sua atuação na educação, Jairo participa ativamente da vida religiosa da comunidade, exercendo as funções de coordenador geral e ministro da Eucaristia na igreja local.

Elvira Fernandes da Silva

Elvira Fernandes da Silva tem 48 anos, casada, mãe de duas filhas e atuante na comunidade de Cachoeira Grande. Católica e devota do Bom Jesus da Glória, ela integra a coordenação dos festejos religiosos, contribuindo de forma dedicada na organização, na cozinha e nas atividades comunitárias

Henrique Pereira de Brito

Henrique Pereira de Brito, 31 anos, é morador de Cachoeira Grande, casado e professor de Educação Física. Com forte compromisso com a saúde e o bem-estar da comunidade, ele desenvolve um projeto voltado para o emagrecimento e para a melhoria da qualidade de vida dos moradores do distrito. Henrique também é profundamente envolvido

nos festejos do Bom Jesus da Glória. Participa ativamente da pastoral e da liturgia, contribuindo com a caminhada cristã da comunidade. Além disso, ajuda na organização geral do festejo e trabalha nas barraquinhas durante os dias de celebração. Seu apoio vai desde as tarefas religiosas até o trabalho manual, auxiliando na montagem dos toldos, dos bancos e de toda a estrutura necessária para a realização da festa.

5. ENTREVISTAS

Josefa Maria de Sena. (81 anos)

A entrevistada, uma moradora antiga no igua de Cachoeira Grande, me recebeu em sua casa com muita acolhida e gentileza para compartilhar suas memórias e vivências sobre a festa do Bom Jesus da Glória. Aos 81 anos, ela continua sendo uma fiel devota, conhecida pela força, pela fé e pelo cuidado dedicado à sua filha especial. Em seu depoimento, relembra histórias, expressa a importância da devoção ao Senhor Bom Jesus em sua vida e destaca como essa fé a sustentou em momentos difíceis, inclusive na perda de seu filho para o câncer.

Data da data da entrevista: 12/06/202

Horário: 10:00

Duração: 00:20:00

Local: Residência da entrevistada, Cachoeira Grande, Jacobina-BA

1. Ana : Em que ano a senhora começou a residir em Cachoeira Grande?

Dona Josefa: Eu nasci e me criei aqui em Cachoeira Grande. Mais tarde, fui trabalhar muitos anos em Salvador, e durante esse período precisei acompanhar o tratamento do meu filho, que enfrentou um câncer no sangue, a leucemia. Infelizmente, ele não resistiu. Lá trabalhei por muitos anos. A capital trouxe muitos aprendizados e desafios, mas também momentos difíceis. Foi em Salvador que precisei acompanhar o tratamento do meu filho, que enfrentava um câncer no sangue, a leucemia. Passei longos períodos no hospital ao lado dele, essa perda marcou profundamente a minha história. Apesar da dor, encontrei no próprio hospital onde ele foi tratado um novo caminho. Continuei trabalhando ali, dedicando meu tempo para ajudar outras pessoas e outras famílias que enfrentavam doenças graves. Depois de muitos anos na capital, chegou o momento de me aposentar. E então eu decidi voltar para a minha terra, Cachoeira Grande.

2. Ana: Qual é a sua religião, e tem pessoas católicas na sua família?

Dona Josefa: Eu sou católica, assim como toda a minha família. Meus pais também eram católicos e transmitiram a fé para mim e meus irmãos. A religião sempre fez parte da nossa vida.

3. Ana: Você tem alguma lembrança sobre a fundação da capela da matriz em Cachoeira Grande?

Dona Josefa: Não tenho lembranças sobre a fundação da capela, mas me recordo das reformas que foram feitas ao longo dos anos. A comunidade sempre se dedicou para manter a capela bonita e preservada.

4. Ana : Desde quando a senhora participa da festa do Bom Jesus da Glória? Pode falar um pouco sobre por que começou a participar da festa?

Dona Josefa: Sempre participei da festa do Bom Jesus da Glória. Mesmo quando morei em Salvador, descia para a primeira festa todos os anos. Participar dessa celebração é uma tradição na minha família

5. Ana: Você tem alguma lembrança do primeiro ano da festa do Bom Jesus da Glória?

Dona Josefa: Não tenho uma lembrança específica, mas me recordo vagamente que Joaquim Pereira trouxe a imagem do Bom Jesus da Lapa. A partir daí, começou-se a dedicar todo ano a celebrar o Bom Jesus da Glória, em homenagem à imagem e como forma de fortalecer a devoção da comunidade.

6. Ana. A senhora participa da organização dos festejos junto com a comunidade? Quais funções desempenha?

Dona Josefa : Sim. Minha participação é voltada principalmente para o leilão, que é uma das tradições mais importantes da festa. Sempre que posso, faço doações, como uma galinha, para ajudar na arrecadação. Também contribuo preparando e oferecendo comidas típicas, o que fortalece o evento e mantém vivas as tradições da nossa comunidade. Gosto de participar porque sinto que, mesmo com gestos simples, estou colaborando para que a festa continue acontecendo e para apoiar a igreja e o povo do nosso lugar.

7. Ana: Quando você pensa na festa do Bom Jesus da Glória e nas pessoas que participaram e apoiaram, de quem você lembra? Como essas pessoas ajudaram a festa?

Dona Josefa: Quando penso na festa do Bom Jesus da Glória e nas pessoas que participaram e apoiaram ao longo dos anos, lembro especialmente dos moradores mais antigos da comunidade, que sempre estiveram envolvidos desde o início. Recordo daqueles que ajudaram na organização, seja arrecadando donativos, preparando alimentos, cuidando da capela ou organizando a procissão e a parte religiosa. Também lembro das pessoas que contribuíram com trabalho voluntário, oferecendo tempo, esforço e dedicação para que tudo acontecesse, mesmo quando havia dificuldades.

8. Ana : Algum político da região já apoiou a festa financeiramente ou com doações de materiais?

Observação: A interlocutora não respondeu a pergunta.

9. Ana :Ao longo dos anos, vocês enfrentaram alguma dificuldade para organizar a festa? Quais?

Dona Josefa: Embora eu não faça parte da organização da igreja, como frequentadora e fiel eu sei que ao longo dos anos a festa já passou por algumas dificuldades. Já houve momentos em que faltaram recursos, doações e materiais, e também situações em que foi difícil reunir pessoas para ajudar nos preparativos. Além disso, algumas edições enfrentaram problemas por causa do clima e da falta de estrutura. Mesmo assim, a comunidade sempre se uniu para manter a festa acontecendo.

10 Ana: Para você, qual é a importância da festa do Bom Jesus da Glória para Cachoeira Grande?

Dona Josefa: Para mim, a festa do Bom Jesus da Glória é muito importante para Cachoeira Grande porque ela mantém viva a tradição religiosa da comunidade e fortalece a fé do povo. É um momento em que as famílias se reencontram, os moradores se unem e a comunidade se fortalece. Além do lado espiritual, a festa também movimenta o distrito, traz visitantes e gera um clima de união e esperança. É uma celebração que representa história, devoção e identidade para todos nós.

11. Ana: Você ainda participa dos festejos do Bom Jesus da Glória? O que te motiva a continuar?

Dona Josefa: Sim, eu ainda participo dos festejos do Bom Jesus da Glória. O que me motiva a continuar é a fé no Senhor Bom Jesus, que sempre me fortalece e me inspira. Participar da festa é uma forma de renovar minha devoção e agradecer pelas graças recebidas.

12. Ana :Durante esses anos em que você tem participado, o que mais te marcou na festa do Bom Jesus da Glória?

Dona Josefa: O que mais me marcou na festa do Bom Jesus da Glória é a fé que tenho no Senhor Bom Jesus. Mesmo com meus 81 anos, continuo cuidando da minha filha especial, e sinto que é ele quem me dá força todos os dias para seguir firme. Cada festa é um momento de agradecimento, de renovação e de esperança. A presença d'Ele na minha vida e na vida da minha filha é o que mais me emociona e me marca ao longo desses anos.

13. Pode descrever uma sensação, emoção ou sentimento ao lembrar da festa do Bom Jesus da Glória?

Dona Josefa: Quando eu lembro da festa do Bom Jesus da Glória, sinto uma emoção muito forte no coração. É uma mistura de paz, fé e gratidão. Sinto uma tranquilidade que só Ele me dá, uma força que me ajuda a continuar, especialmente por eu ter 81 anos e ainda cuidar da minha filha especial. Lembrar da festa me enche de esperança e me faz sentir a presença do Senhor Bom Jesus me acompanhando e me protegendo.

14. Você tem algum testemunho de fé ou de algum milagre atribuído ao Bom Jesus da Glória?

Dona Josefa: Sim. Eu tenho muita fé no Senhor Bom Jesus e carrego comigo dois testemunhos muito fortes. O primeiro é a força que Ele me dá todos os dias. Com 81 anos, continuo cuidando da minha filha especial, e sinto que é Ele quem me sustenta, me ampara e me dá saúde para seguir. O segundo foi no momento mais difícil da minha vida: quando perdi meu filho para o câncer. Foi uma dor muito grande, mas mesmo assim senti o Senhor Bom Jesus me segurando, me consolando e me dando coragem para continuar vivendo. Para mim, essa força que Ele coloca no meu coração é o maior milagre que já recebi.

Maria Francisca Simões (81 anos)

A depoente Maria Francisca Simões concedeu a entrevista após a missa de domingo, na igreja do distrito, momento em que Dona Maria, com gentileza e disposição, compartilhou

suas memórias e experiências sobre a participação nos festejos religiosos e a importância da fé em sua trajetória.

Data: 07.08,2025

]Horário: 17:00

Duração: 00:10:06

Local: Igreja do Bom Jesus da Glória, no distrito de Cachoeira Grande,

1. Ana: Em que ano a senhora passou a residir em Cachoeira Grande?

Dona Maria: Eu passei a morar aqui mesmo em 1995. Antes disso, morava em um povoado próximo, mas já frequentava a comunidade há muito tempo.

2. Ana: Qual é a sua religião? Toda a sua família é católica?

Dona Maria: Eu sou católica. Na família, a maioria também é católica, mas tem uma pessoa que se tornou evangélica.

3. Ana: O que a senhora lembra sobre a fundação da capela da matriz em Cachoeira Grande? Como era a igreja na época?

Dona Maria: A igreja ainda estava em construção quando o padroeiro chegou. Era menor, estava na fase de alvenaria. Atrás havia um salão grande para reuniões, que depois foi transformado no altar.

4. Ana: Desde quando a senhora participa da Festa do Bom Jesus da Glória? Pode contar um pouco do motivo pelo qual começou a participar?

Dona Maria: Eu comecei a participar dos movimentos da igreja quando vim morar aqui, por volta de 1995. Antes disso, mesmo morando na roça, eu já frequentava: não perdia a festa e vinha às missas todo mês.

5. Ana: A senhora lembra da primeira festa do Bom Jesus da Glória que participou? Pode contar como foi a chegada do padroeiro e as celebrações da época?

Dona Maria: Lembro sim. O padroeiro foi comprado por Joaquim Pereira, em Bom Jesus da Lapa, e trazido por Manuel Leão. Ficou na casa de Adão Amado, perto da casa de Liroli, e a gente foi buscar em procissão. Eu tinha 14 anos e vim com o vestido branco da minha primeira comunhão.

6. Ana: A senhora participa da organização dos festejos junto com a comunidade? Quais funções já desempenhou, como catequista?

Dona Maria: Sim, participei por muito tempo. Primeiro fui catequista, depois coordenadora da liturgia e, em seguida, ministra da Eucaristia. Mesmo sendo ministra, continuei cuidando da liturgia da comunidade. Fiquei muitos anos, mais de 13 como ministra e também muitos anos na coordenação, às vezes acumulando funções.

7. Ana: Quando pensa na festa do Bom Jesus da Glória, de quais pessoas que participaram e ajudaram a senhora se lembra? Como elas contribuíram para a festa?

Dona Maria: Lembro de muita gente boa: Seu Silvestre, Ana, Dinalva, Lurdes Reis, Reina, que era tesoureira, e Dona Nega. Muita gente ajudava e tornava a festa linda. Joaquim também participava muito, fazia reuniões. E algumas pessoas, como ele, sempre ajudaram, sem desistir.

8. Ana : Algum político da região já apoiou a festa financeiramente ou com doações de materiais?

Dona Maria: Ajudaram, mas muito pouco. Aqui nunca chegou ajuda significativa; a gente fazia tudo principalmente com a força do povo.

9. Ana :Ao longo dos anos, houve dificuldades para organizar a festa? Que tipos de dificuldades a senhora se lembra, como chuva ou falta de estrutura?

Dona Maria: Teve muita dificuldade. Quando chovia, a gente fazia missa do lado de fora ou dentro da igreja. Não tínhamos toldos, estrutura nem apoio. Também foi difícil organizar o almoço comunitário, o povo dizia que era comunitário, mas a gente mesmo vendia a comida e fazia tudo.

10. Ana: Onde eram realizadas as atividades e o almoço comunitário? Como a comunidade se organizava para essas tarefas?

Dona Maria: Antes, no salão de Cecílio, ali no armazém, onde hoje é o mercado, ou onde é no bar de Derrny, porque não havia salão. Depois, a comunidade comprou a casa e construiu o salão com a ajuda de todos, doações de cimento e dinheiro.

11. Ana: Para a senhora, qual a importância da festa do Bom Jesus da Glória para a comunidade de Cachoeira Grande?

Dona Maria: A festa é muito importante porque o catolicismo é relevante no mundo inteiro. Reunir a comunidade para o Bom Jesus é um meio de comunicação com outros povoados e até a cidade. Também é uma forma de convivência, almoçar junto, celebrar e movimentar a comunidade. Sempre foi bonito, muitos fogos, participação dos bombeiros e muita alegria.

12. Ana: A senhora ainda participa dos festejos do Bom Jesus da Glória? O que a motiva a continuar participando?

Dona Maria: Eu participo porque sempre estou aqui. Hoje não consigo fazer tudo, por causa da idade e da saúde, mas ajudo dentro do que posso. Particpei da mesa do leilão este ano, por exemplo. Sobre o próximo ano, não sei, só Deus sabe.

13. Ana: Durante esses anos em que a senhora tem participado, o que mais a marcou na festa do Bom Jesus da Glória?

Dona Maria: O que mais me marcou foi o amor que eu tinha. Eu trabalhava com dedicação, tudo que eu fazia aqui era por amor. Hoje não trabalho mais como antes, porque não posso, mas tudo que eu fazia era com prazer, por amor, porque eu gostava, porque amava trabalhar para a igreja, para Jesus.

Isso me marcou muito, porque foi aqui na igreja que aprendi muito. O que eu sei hoje, devo à igreja. Muitas coisas eu não sabia antes, tinha vergonha de ir à frente, fazer uma leitura ou uma celebração. Antes eu não fazia preces, nada disso. Mas depois que comecei a participar, meu Deus, tudo isso mudou. A vergonha foi embora, e aprendi a participar plenamente.

14. Ana: Que sentimentos ou emoções a senhora lembra ao participar das festas, como alegria, saudade ou amor pela comunidade?

Dona Maria: Sinto saudade. Lembro muito das processões e das alvoradas que fazíamos. Aqueles momentos eram muito especiais.

15. Ana : A senhora tem algum testemunho de fé, experiência pessoal ou milagre atribuído ao Bom Jesus da Glória que queira compartilhar?

Dona Maria: Quando eu ia cantar, sentia uma dor na garganta, sentia doer. Aí eu pedia: ‘Meu Deus, eu preciso, eu preciso voltar aos meus trabalhos na igreja.

Então, eu pedi no Santíssimo, ali no jardim, que se eu conseguisse voltar a cantar, eu iria cantar os salmas nas missas e celebrações. E consegui. Fiquei bem, não senti mais dor, e comecei a cantar meus salvos. Foi assim que consegui retomar minha participação nos cânticos da igreja.

Edelzuita Costa de Araújo (75 anos)

Dona Edelzuita recebeu a entrevistadora com cordialidade e atenção, demonstrando alegria em compartilhar suas memórias sobre a Festa do Bom Jesus da Glória.

Data da data da entrevista: 19/11/2025

Horário: 15:00

Duração: 00:27:00

Local: Residência da entrevistada, Cachoeira Grande, Jacobina-BA

1. Ana. Em que ano a senhora começou a residir em Cachoeira Grande?

Dona Edelzuita: Eu vim morar aqui? Sim. Em 72 (1972). Eu morava na roça, mas sempre vinha pra cá nas festas religiosas, mas voltava. Aí, quando eu casei, em 72, foi que eu vim morar aqui mesmo, mas sempre trabalhando na roça.

2. Ana: Qual é a sua religião? Tem pessoas católicas na sua família?

Dona Edelzuita: Eu sou católica. Na minha família, muitas pessoas também são. Tenho uma irmã que não é católica, que mora no Serrote (Serrolândia-Ba). As outras são católicas.

3. Ana: A senhora lembra sobre a fundação da Capela da Matriz em Cachoeira Grande?

Dona Edelzuita: Não lembro, não.

4. Ana: Desde quando a senhora participa da Festa do Bom Jesus da Glória? Pode falar um pouco sobre por que começou a participar da festa?

Dona Edelzuita: Desde nova. Nós vínhamos com a minha mãe para a Festa do Bom Jesus da Glória.

Dona Edelzuita: Na época das festas do Bom Jesus, a gente vinha. As festas de antigamente não eram que nem hoje, eram diferentes. O pessoal fazia umas “paioca” no meio da rua, de brincadeira.

Tinha polícia de mentira, só o vestuário. Amarrava umas fitas no braço da gente e levava pra dentro daquelas “paiocas” aí a gente tinha que dar um trocado. Tinha brincadeira de criança também. Botavam umas terras assim, botavam um carro de brinquedo e os meninos iam pescar. Pegava um brinquedinho e ficava tudo feliz. Tinha um negócio de uma cigana, com umas rouponas bonitas, e levava a gente lá pra dentro das paiocas e conversava com a gente.

A missa era 10:00 horas da manhã. Terminava a missa, todo mundo ia pra casa almoçar, porque não tinha o almoço comunitário que tem hoje. Às 02:00 (14:00) horas a gente voltava pra praça para as brincadeiras. Mais tarde era a procissão. Eu não sei se tinha leilão nesse tempo, acho que não. Era a procissão. A gente se divertia muito. Aí, 4:00 (16:00) horas, 4:00 e meia, (16:30) já terminava a festa religiosa. À noite tinha uma festa dançante. Quem podia ir, ia. Mas nós íamos embora pra roça com nossa mãe, que não deixava a gente ficar. Ela trazia a gente e voltava.

5. Ana: A senhora participa da organização dos festejos? Em quais funções?

Dona Edelzuita: Eu ajudo no leilão, compro no leilão, sou guia da festa, pago o dízimo, boto a oferta.

6. Ana: De quais pessoas a senhora se lembra que participaram e apoiaram a festa?

Dona Edelzuita: É Dona Lurdes de Seu Jaime, Dona Nina, Seu Chiquinho, Dona Candinha, que era irmã do Seu Chiquinho. Era um pessoal que morava aqui na praça e participava da comunidade da Cachoeira Grande.

7. Ana: Algum político da região já apoiou a festa? De que forma?

Dona Edelzuita: Os candidatos sempre, no tempo, aparecem, né? Ajudam um pouco.

8. Ana: Ao longo dos anos, já enfrentaram alguma dificuldade para organizar a festa? De quais a senhora se lembra?

Dona Edelzuita: Não. Não me lembro, não.

Dona Edelzuita: Dificuldades sempre tem.

9. Ana: Para a senhora, qual a importância da Festa do Bom Jesus da Glória para Cachoeira Grande?

Dona Edelzuita: É bom, a festa da Cachoeira Grande. Nosso padroeiro, o Bom Jesus da Glória, é muito bom, é muito importante.

10. Ana: A senhora ainda participa dos festejos do Bom Jesus da Glória? O que a motiva a continuar participando?

Dona Edelzuita: Eu continuo participando.

11. Ana: A senhora ainda participa da volta do Pai Jesus?

Dona Edelzuita: Sim. Todo ano eu participo dos tríduos, tudo que tem, não falto um. E ajudo no que for possível. Eu gosto muito, eu participo.

12. Ana: Durante esses anos, o que mais marcou a senhora na festa do Bom Jesus da Glória?

Dona Edelzuita: Muita gente, carol, que vem de fora. Muita gente, muita gente. Tudo isso.

13 Ana: Pode descrever uma sensação, emoção ou sentimento ao lembrar da festa do Bom Jesus da Glória?

Dona Edelzuita: Não sei nem como dizer. É emoção. Para mim, é uma emoção, a Festa do Bom Jesus da Glória.

14. Ana: A senhora tem algum testemunho de fé ou algum milagre atribuído ao Bom Jesus da Glória?

Dona Edelzuita: Tenho.

Ana: A senhora pode contar como foi?

Dona Edelzuita: Tenho um testemunho de fé e tenho um milagre ao Bom Jesus da Glória. Foi por causa de problemas de família, né? Coisa difícil que a gente passa.

Neurani Marcelo de Sena (53 anos)

A depoente Neurani Marcelo de Sena é moradora da comunidade de Cachoeira Grande, onde reside há 17 anos. Nascida no povoado de Lagedo das Palmeiras, sempre manteve forte vínculo com a região e com as tradições religiosas locais. De religião católica, pertence a uma família em que a maior parte dos membros também compartilha da mesma fé.

Data da data da entrevista: 14/06/2025

Horário: 14:00

Duração: 00:20:00

Local: Residência da entrevistada, Cachoeira Grande, Jacobina-BA

1. Ana: Em que ano a senhora começou a residir em Cachoeira Grande?

Neurani: Comecei a morar em Cachoeira Grande há 17 anos. Antes, eu morava lá acima, em Lagedo das Palmeiras, um povoado próximo a Cachoeira Grande.

2. Ana: Qual é a sua religião? Tem pessoas católicas na sua família?

Neurani: Católica. Sim, a maioria das pessoas da minha família são católicas.

3. Ana: O que a senhora lembra sobre a fundação da Igreja da Matriz em Cachoeira Grande?

Neurani: A fundação da Igreja da Matriz em Cachoeira Grande. Não lembro porque eu não era nascida. Mas sei pelos comentários que a igreja tem 65 anos, completados no dia 06 de agosto. Ouvi falar que os fundadores foram Nair, Vilô, Nina, Chiquinho, Áureo, Orelina e várias outras pessoas daqui ajudaram a fundar a igreja.

4. Ana: Desde quando a senhora participa da festa do Bom Jesus da Glória? E por que começou a participar?

Neurani: Já tem mais de uns 33 anos que participo. Eu sempre gostei muito. Todo ano eu venho, nunca perdi um ano. Quando eu morava na roça, eu já participava, e depois que vim para Cachoeira, há 17 anos, continuei participando. Quero participar até o final da minha vida.

5. Ana: A senhora tem lembrança do primeiro ano de festa do Bom Jesus da Glória?

Neurani: Não, porque eu não era nascida naquela época.

6. Ana: A senhora participa da organização dos festejos do Bom Jesus? Quais funções desempenha?

Neurani: Eu não participo da organização diretamente, mas ajudo sempre. Compro rifa, ajudo no leilão e no almoço da igreja. Sempre estou participando dessas coisas.

7. Ana: Quando pensa na festa do Bom Jesus da Glória, de quais pessoas a senhora lembra como participantes ou colaboradoras?

Neurani: Muita gente ajuda. Uns ajudam comprando rifa, outros com ornamentação. A comunidade toda participa, porque a maioria é católica.

8. Ana: Algum político ou pessoa pública já apoiou a festa, seja financeiramente ou com materiais?

Neurani: Já ajudaram, sim, mas é pouco. A ajuda existe, mas é pouca.

9. Ana: Ao longo dos anos vocês enfrentaram alguma dificuldade para organizar a festa? De quais você se lembra?

Neurani: Dificuldades sempre têm, mas não lembro direito, porque eu não faço a parte da organização. Mas sei que sempre aparece alguma coisa.

10. Ana: Para você, qual a importância da festa do Bom Jesus da Glória para Cachoeira Grande?

Neurani: É de grande importância para todos os católicos. Vem gente de fora de Cachoeira Grande e de outros lugares.

11. Ana: A senhora ainda participa dos festejos? O que te move a continuar?

Neurani: Participo. É de grande importância para mim. Para mim, é uma grande festa, muito importante.

12. Ana: Durante esses anos de participação, o que mais te marcou na festa?

Neurani: A procissão luminosa.

13. Ana: Pode descrever algum sentimento ou emoção ao lembrar da festa?

Neurani: Para mim, é de grande importância. A gente não esquece. Quando chega essa data, fica ansiosa para o dia chegar.

14. Ana: A senhora tem algum testemunho de fé ou milagre atribuído ao Bom Jesus da Glória?

Neurani: Tenho. Pedi para Ele curar uma pessoa, e Ele curou. Eu entrei na igreja de joelho para pagar a promessa.

Jairo Pereira da Silva (48 anos)

A entrevista foi realizada na residência de Jairo Pereira da Silva, em Cachoeira Grande. Mesmo com a correria do dia a dia, as ordenações da comunidade e os compromissos religiosos, Jairo recebeu-me logo após a missa, tendo acabado de receber o padre que veio de Jacobina. Demonstrou grande atenção e disponibilidade, relatando de forma detalhada sua experiência e participação nos festejos do Bom Jesus da Glória, evidenciando seu envolvimento ativo com a fé e a vida comunitária.

Data da data da entrevista: 14/06/2025

Horário: 14:00

Duração: 00:20:00

Local: Residência da entrevistada, Cachoeira Grande, Jacobina-BA

1. Ana: Em que ano começou a residir em Cachoeira Grande?

Jairo: Na verdade, eu nasci nesta região. Mas morar aqui de fato comecei em 1999, antes morava em povoado próximo

2. Ana: Qual é a sua religião? Tem pessoas católicas na sua família?

Jairo: Eu pertencço à religião católica. A maioria de meus familiares também são católicos, cerca de 90%, mais ou menos.

3. Ana: O que você lembra sobre a fundação da capela da matriz em Cachoeira Grande?

Jairo: Não tenho precisão sobre datas, mas há registros de aproximadamente 65 anos de missas oficiais. No entanto, as celebrações começaram bem antes disso.

4. Ana: Desde quando participa dos festejos do Bom Jesus da Glória? Pode falar um pouco sobre o porquê começou a participar da festa?

Jairo: Comecei a participar ativamente a partir de 2019. Antes, apenas acompanhava algumas missas e participava no próprio dia da festividade, sem vínculo direto.

5. Ana: Tem alguma lembrança do primeiro ano de festa do Bom Jesus da Glória em Cachoeira Grande?

Jairo: Eu ainda não havia nascido, mas relatos apontam que as missas oficiais começaram por volta de 1960.

6. Ana: Você participa da organização dos festejos junto com a comunidade? Quais funções desempenha?

Jairo: Sim, atualmente sou coordenador da comunidade Bom Jesus da Glória, juntamente com minha esposa, Elvira. Organizo a festa com toda a equipe e com a participação do povo da comunidade.

7. Ana: Quando você pensa nos festejos do Bom Jesus da Glória e nas pessoas que participaram e apoiaram, de quais pessoas você se lembra? Como elas ajudaram a festa?

Jairo: Não era nascido, mas relatos indicam que Joaquim Pereira trouxe a imagem do padroeiro de Bom Jesus da Lapa a cavalo. Ele trouxe até José Marcelino, em Jacobina, e depois para a casa de Seu Lioli, por volta de 1960. Numa noite, antecedente ao dia 6 de agosto, a imagem foi levada em procissão, dando início à festa.

8. Ana: Algum político da região já apoiou a festa? Em qual sentido?

Jairo: Geralmente não envolvo política com eventos religiosos. Mas algumas pessoas contribuíram, embora de forma insignificante para a festa.

9. Ana: Ao longo dos anos, vocês enfrentaram alguma dificuldade para organizar a festa?

Jairo: Organizar uma festa comunitária não é fácil, pois muitos não têm recursos próprios. Porém, toda dificuldade é resolvida com a colaboração da comunidade, por meio de pedidos, leilões e doações. Assim, conseguimos realizar a festa como planejamos e agradar a comunidade.

10. Ana: Qual a importância da festa do Bom Jesus da Glória para Cachoeira Grande?

Jairo: A festa representa a fé cristã do povo. Antes de 1960, as pessoas já realizavam celebrações e o padre Alfredo passava por aqui para celebrar as missas. A fé é o ponto principal que mantém a festa viva até hoje.

11. Ana: Você ainda participa dos festejos do Bom Jesus da Glória? O que te move a continuar?

Jairo: O que me move é a fé. Fui indicado a ser ministro no final de 2019 e, desde então, participo ativamente. A fé abriu espaço na minha vida para estar presente na comunidade.

12. Ana: Durante esses anos, o que mais marcou sua participação na festa?

Jairo: O que mais me marcou foi vivenciar a fé junto à comunidade, o engajamento das pessoas e a união em torno de Cristo.

13. Ana: Pode descrever uma sensação, emoção ou sentimento ao lembrar da festa?

Jairo: Sinto alegria e satisfação ao ver a comunidade reunida, celebrando a fé e participando das celebrações.

14. Ana: Você tem algum testemunho de fé ou milagre ao Bom Jesus da Glória?

15. Jairo: Minha própria participação é um testemunho de fé, é estar ativo e contribuindo para a comunidade mostra como a fé transforma e aproxima as pessoas de Deus. Do que de um livramento de um acidente ontem demônio de um amigo onde eu sofri um acidente com um caminhão de três eixos ele me livrou desse aconteceu não sofreu tanto grave e eu tenho certeza, Bom Jesus me livrou.

Elvira Fernandes da Silva (38 anos)

Elvira Fernandes da Silva me recebeu em sua residência, em uma tarde em Cachoeira Grande, para falar sobre a festa do Bom Jesus da Glória. Apesar da correria do dia, abriu espaço para compartilhar sua história, suas lembranças e sua fé.

Data: 08.12.2025

Horário: 10.00

Duração: 00:11:00

Local: Residência da entrevistada, Cachoeira Grande, Jacobina-BA

1. Ana. Em que ano você começou a residir em Cachoeira Grande?

Elvira: Eu nasci aqui, então moro em Cachoeira Grande desde que nasci.

2. Ana: Qual é a sua religião? Há pessoas católicas na sua família?

Elvira: Eu sou católica, e todos na minha família também são, graças a Deus.

3. Ana: O que você lembra sobre a fundação da capela da matriz em Cachoeira Grande?

Elvira: Não me lembro, pois ainda não era nascida. Apenas ouvi comentários de que Joaquim Pereira trouxe a primeira imagem do Bom Jesus da Lapa, e a partir disso começou a devoção.

4. Ana: Desde quando participa da festa do Bom Jesus da Glória? Por que começou a participar?

Elvira: Tenho dois anos que comecei a participar mais ativamente da organização e do preparo das festas. Mas sempre frequentei a festa como fiel e devota do Bom Jesus. Nos últimos dois anos, me envolvi mais na organização por conta do meu marido, que também participa ativamente, e acabei me engajando para ajudar na gestão e no apoio das atividades da festa.

5. Ana: Você tem alguma lembrança do primeiro ano da festa do Bom Jesus da Glória?

Elvira: Não, não tenho nenhuma lembrança porque não era nascida. Apenas ouvi falar sobre a fundação e sobre a imagem trazida por Joaquim Pereira.

6. Ana: Você participa da organização dos festejos junto com a comunidade? Quais funções desempenha?

Elvira: De dois anos para cá, tenho me engajado na organização da festa, ajudando de todas as formas que posso, principalmente na cozinha. Preparo o almoço, que é vendido no dia 6 de agosto. Também contribuo na barraquinha, ajudando na venda dos lanches, e auxílio na limpeza. É um trabalho cansativo, mas faço com amor e devoção ao Bom Jesus. Muitas vezes deixo de assistir à missa porque estou na cozinha com outras mulheres que também contribuem. Nesses dias, durmo pouco, mas faço tudo com alegria e fé.

7. Ana: Quando você pensa na festa do Bom Jesus da Glória, de quais pessoas você lembra? Como elas ajudaram?

Elvira: Eu lembro de muitas pessoas, mas prefiro não citar nomes para não ser injusta. Muita gente ajuda de diversas formas: tem quem participa das rifas, quem faz doações, quem passa a noite arrumando as flores do altar. É uma união muito bonita da comunidade.

8. Ana: Algum político da região já apoiou a festa? De que forma?

Elvira: Eu não sei informar nomes de políticos, mas sei que, durante muitos anos, houve apoio da Prefeitura e de pessoas públicas na parte estrutural, como toldos e iluminação. Mas o restante é todo fruto do trabalho da comunidade: leilões, rifas e doações de famílias, muitas delas anônimas.

9. Ana: Ao longo dos anos, vocês enfrentaram alguma dificuldade para organizar a festa?

Elvira: Sim, sempre enfrentamos alguma dificuldade, mas a fé no Bom Jesus faz tudo dar certo no final.

10. Ana: Para você, qual a importância da festa do Bom Jesus da Glória para Cachoeira Grande?

Elvira: A festa é muito importante porque fortalece a fé do povo, une a comunidade e mantém viva uma tradição que vem de muitos anos.

11. Ana: Qual o significado da festa do Bom Jesus da Glória para você?

Elvira: Para mim, é uma grande honra participar dos festejos do Bom Jesus. Como católica, sinto muita alegria em servir sem querer nada em troca, apenas para honrar nosso Senhor. A cada ano a festa fica mais bonita, não para agradar às pessoas, mas para agradar a Jesus. É Ele que nos dá força para continuar e fazer uma festa linda.

12. Ana: O que mais marcou você na festa ao longo dos anos?

Elvira: O que mais me marcou foi a Caminhada da Luz. Eu não sei em que ano ela começou, mas é um dos momentos mais lindos da festa. Quando vejo o povo descendo e subindo as ruas com as velas acesas, já no escurecer, me arrepio. É uma emoção muito grande.

13. Ana: Pode descrever uma sensação, emoção ou sentimento ao lembrar da festa?

Elvira: Hoje, estando à frente, meu sentimento é de dever cumprido e de gratidão ao Bom Jesus por ter dado tudo certo. Cada ano que participo, sinto uma paz no coração e a certeza de que tudo vale a pena quando fazemos com fé e devoção. A festa me toca de um jeito especial, e é impossível não se emocionar.

14. Ana: Você tem algum testemunho de fé ou algum milagre atribuído ao Bom Jesus da Sim, um episódio que marcou muito nossa família. Elvira, sofreu um acidente de carro junto com minha filha. Graças a Deus, ambas saíram ilesas. Para mim, isso foi um verdadeiro milagre. Estar viva e poder contar a história é uma graça de Deus. Esse acontecimento nos fortaleceu na fé e nos motivou a continuar participando ativamente da comunidade e da festa do Bom Jesus da Glória

Henrique Pereira de Brito (31 anos)

A entrevista com Henrique Pereira de Brito ocorreu em sua residência, onde fui cordialmente recebida. Durante nossa conversa, ele me contou que sempre manteve uma relação de profundo envolvimento com os Festejos do Bom Jesus da Glória. Recordou-se de momentos significativos de sua pré-adolescência, das tradições que aprendeu com os mais velhos e a importância da festa para a comunidade.

Data: 07.08,2025

Horário: 21:00

Duração: 00:10:06

Local: Residência da entrevistada, Cachoeira Grande, Jacobina-BA

1. Ana: Em que ano começou a residir em Cachoeira Grande?

Henrique: Eu resido em Cachoeira Grande desde minha infância, acredito a partir de meses que minha mãe morava em Salvador, e aí depois ela veio residir com meus avós aqui. Então, eu resido em Cachoeira Grande desde minha infância, desde os primeiros anos de vida, e continuo residindo até hoje.

2. Ana: Qual é a sua religião, e tem pessoas católicas na sua família?

Henrique: Sim, católico é, desde pequeno, né, eu sempre fui inserido no âmbito religioso. Então, toda a minha família é do âmbito católico. E eu sempre cresci, né, em catequese, eventos religiosos, grupo de jovens. Então, eu sempre fui sempre incentivado por minha família a sempre estar presente nas coisas religiosas da comunidade.

3. Ana: Você tem alguma lembrança sobre a fundação da capela da matriz em Cachoeira Grande?

Henrique: Não, lembrança, não. Não tenho muita lembrança, mas eu vejo muito os meus avós, muitas pessoas de idade aqui da comunidade, eu vejo sempre relatos, de que, sobre o nosso padroeiro, de Cachoeira Grande. Então, eu sempre escutei muitas histórias, que eu achava bastante interessante sobre a questão religiosa. Então, eu ouvia mais os meus antepassados relatarem sobre.

4. Ana: Desde quando você participa da festa do m Jesus da Glória? Você pode falar um pouco porque começou a participar da festa?

Henrique: Eu, desde minha infância, né, a partir dos 10 anos, eu era inserido num grupo de jovem. Então, a partir do grupo de jovem, eu passei a contribuir, né, a assim, a ajudar, né, nas festas religiosas daqui, que era do padroeiro, o Bom Jesus da Glória. E aí eu sempre ajudava nas barraquinhas, né, ajudando a vender, para para adquirir fundos para, a festa. Então, todos os domingos, tinha as barraquinhas em frente à igreja, e eu sempre ajudava, vendendo ali na barraquinha. E aí quando eu passei dos 15 anos, entrei na fase da adolescência para jovem, o nosso, tinha um grupo de jovem, e a gente começou a organizar. Então, o nosso grupo de jovem ficou responsável, por buscar fundos, pedir donativos. A gente pedia para pros leilões, a gente saía nas comunidades vizinhas pedindo leilões, e sempre buscando, trazer benefícios para o nosso, para a nossa comunidade. Então, na nossa festa a gente buscava isso, ne ? Buscar leilões para num dia 6 de agosto serem leiloados. E também ajudava também no almoço comunitário, também sempre ajudo na cavalgada cristã, que é uma tradição que é um domingo que antecede o tríduo. Então, eu também sempre contribuí nessa parte da cavalgada e na, na parte da liturgia também.

5. Ana: Tem alguma lembrança do primeiro ano da festa do Bom Jesus da Glória?

Henrique: Não, também não tenho lembrança, não, porque, se eu não me engano, eu acho que já comemora, está perto dos 60 anos, se eu não me engano.

Henrique: Para fazer a procissão pelas ruas. Então, o que me marcou bastante era isso, né? Sempre essa, o sino tocava cedinho pela manhã, porque tinha a Alvorada, logo após era a Santa Missa.

8. Ana: Quando você pensa na festa do Bom Jesus da Glória e nas pessoas que participam e apoiam, de quais você lembra? Como elas ajudam na festa?

Henrique: Eu conheço muitas pessoas que realmente, assim, elas abraçam, realmente elas realmente compram a ideia dessa festa, que é uma festa de muita tradição e que ela mobiliza toda a comunidade. Então, eu sempre observava assim os mais velhos, eles têm uma tradição muito forte de ir para a missa, eles iam para a missa descalços, né, porque tinha aquela questão de pagar promessa, toda aquela organização. Então, era algo que mobilizava. É tanto que tem muitas pessoas que não tinham tradição de frequentar a igreja e tal, mas quando

chegava nessa época, né, do 6 de agosto, né, essas pessoas mais velhas. Tinha também os bumbeiros, que era um tradicional que saíam de porta em porta, fazendo aquele, aquela convocação para as pessoas, se fazerem presente. Então, era algo que realmente mobilizava a nossa comunidade, que até hoje ainda existe a tradição. A dos bumbeiros, que eram pessoas que cantavam e animavam. E aí ele sempre tinha esse viés muito tradicional. Então, as pessoas da época, que organizavam, mobilizavam bastante a comunidade para se fazer presente na festa do nosso padroeiro. Então, todos participavam com doações, presença na missa. Então, era algo que realmente mobiliza toda a comunidade.

9. Ana: Algum político da região já apoiou a festa do Bom Jesus, em algum sentido (financeiro, doações de materiais)?

Henrique: É, assim, alguns políticos, né, alguns vereadores, né, que são filhos da terra, às vezes sempre contribuem. Assim, em termos de ornamentação, de conseguir toldos, cadeiras, e também com algumas doações para o leilão. Então, era mais na parte de ornamentação, né, que a gente tinha essa ajuda de político, né, e alguns vereadores que são da localidade. Sempre tem um incentivo. E aí também, né, o atual prefeito que a gente teve, também deu esse suporte, né, em termo de financeiro, para compra de flores, de cadeiras, toldos. Então, assim, não é 100%, mas sempre havia contribuições.

10. Ana: Ao longo dos anos, já enfrentaram alguma dificuldade para organizar a festa? De quais você se lembra?

Henrique: É, já teve muitas dificuldades, né, em termo de transporte para consegui, por exemplo pros tríduos, a busca por padres para vir celebrar. Então, tiveram essa dificuldade. E também em questão de formar equipes para ajudar nessa grandiosa festa. Então, assim, às vezes muita gente não tinha aquela disponibilidade de vir ajudar, por exemplo, na parte do almoço, né, na parte de organizar, de limpar a igreja, que sempre tinha uma tradição de sempre 15 dias, um mês antes, tinha tipo uma lavagem da igreja, uma limpeza. E geralmente nem sempre tinha uma grande quantidade de pessoas. Então, às vezes dificultava, né, que às vezes sobrecarrega muita gente porque tinha pouca participação. Então, a dificuldade era mais nesse sentido. E também sempre tinha uma dificuldade em relação se fazia a missa dentro da igreja ou a missa campal, que seria do lado de fora. Então, sempre havia essa contradição. Alguns são adeptos, né, de ser na igreja, outros são adeptos a fazer fora da igreja. E sempre o pároco, que é o responsável, que auxilia nessa tomada de decisões. E também na

questão do tema, que sempre tem um tema designado para a festa. Então, sempre isso é em relação ao diálogo com o pároco, que é o responsável pela comunidade. Então, as dificuldades são mais isso. Em termos de participação de pessoas na parte da organização.

11. Ana: Para você, qual é a importância da Festa do Bom Jesus da Glória para a comunidade de Cachoeira Grande?

Henrique: Assim, eu acho que é um, é algo que desperta. Principalmente em minha infância, é algo que despertava nas pessoas a presença de Jesus, que era o momento onde a gente via a maior parte das pessoas presente na igreja. Então, as pessoas tinham essa ciência de entender que o padroeiro Bom Jesus da Glória era algo importante para a nossa comunidade. E eu sempre cresci vendo Cachoeira Grande como uma comunidade de fé. E eu sempre cresci vendo Cachoeira Grande como uma comunidade de fé. Que sempre Cachoeira Grande é vista como um, uma comunidade que é caridosa, que ajuda as pessoas. Então, assim, eu vejo a festa do padroeiro neste intuito de mobilização de pessoas a terem a maior presença na igreja.

Então, assim, eu acho que é isso que marca assim o Bom Jesus da Glória, é essa força na tradição. Que ao longo do tempo, né, eu comparo, fazendo um, um panorama de quando eu era criança até hoje na fase adulta, eu percebo que às vezes as tradições vão se perdendo ao longo do tempo, né? Mas eu percebo que o padroeiro Bom Jesus da Glória, ele tem um poder muito grande em nossa comunidade. Que causa as pessoas acreditarem mais em Deus, e buscarem mais a presença na igreja, e a presença na oração.

12. Ana: Você ainda participa dos festejos do Bom Jesus da Glória? E o que te move a continuar?

Henrique: É, participo, eu sempre procuro, ajudar, porque é uma coisa que eu tenho em mente que a gente tem que fazer as coisas não por interesse, mas sim de bom coração. Que é isso que Deus quer da gente. Então eu sempre busco ajudar, né? Justamente também porque, como a tradição vai se perdendo ao longo do tempo. E a gente vê que muitas pessoas se afastam, e a gente vê que poucas pessoas, se mobilizam para ajudar. E eu sempre, né, procuro contribuir de alguma forma é para o Bom Jesus da Glória, que sempre a gente tem que ter, né, a busca por Deus em nosso coração. E eu acredito que quando a gente faz algo de bom coração, Deus fica feliz. Então eu acho que o padroeiro da gente nos fortalece, a buscar a Deus no nosso dia a dia e sempre procurar contribuir para nossa comunidade. Que é o poder

de evangelizar, né, trazer pessoas para a igreja, de entender a importância, de Deus em nossas vidas.

13. Ana: : E durante esses anos em que tem participado, o que mais te marcou na festa do Bom Jesus?

Henrique: Assim, muitas coisas me marcaram, mas uma coisa que me marcou bastante. foi uma que eu sempre tinha um sonho, né, de pequeno. Eh, eu tinha muita vontade de fazer uma leitura na festa do padroeiro, né? Porque, assim, às vezes, como geralmente as festa, a missa, né, a missa solene era dentro da igreja, então sempre tinha muita multidão, e eu não conseguia nem sempre eu conseguia acompanhar a Santa Missa. E eu lembro, quando eu era, tinha a base dos 14, 15 anos, eu tive essa oportunidade de fazer essa primeira leitura no dia da festa. Então, foi algo que me emocionou muito, e durante a homilia do padre, a reflexão dele assim, trouxe, a presença de Deus dentro da gente. Então, essa foi essa primeira leitura que eu fiz no dia da festa.

14. Ana: Pode descrever uma sensação, emoção ou sentimento ao lembrar da Festa do Bom Jesus da Glória?

Heneique: Sim, é, algo que me marcou, é, foi o meu avô, né, que ele estava doente, sofreu, né, um, um AVC, e ele não conseguia andar sozinho. E, e eu me lembro, que ele me pediu queria assistir à Santa Missa. Então, assim, foi algo que me marcou bastante, foi esse dia que eulevei meu avô na cadeira de rodas para, para assistir essa Santa Missa. E, e foi a última. A última missa que ele assistiu, porque no ano seguinte ele acabou falecendo. Então, foi algo que me marcou bastante, foi, foi esse dia que eu pude, né, eh, levar meu avô para a igreja para ele assistir, né, a Santa Missa, em Senhor de Agosto.

15. Ana: Você tem algum testemunho de fé ou algum milagre atribuído ao Bom Jesus?

Henrique : Assim, um milagre em si, não, mas eu, eh, coisas que eu via muito, que eu sentia muito, era assim, eh, a fé das pessoas, assim, que eu que eu sentia assim, que algo que você sentia que muita gente estava ali, é pelo chamado do Bom Jesus da Glória. E algo que eu sentia que as pessoas tocaram foi uma música. Que ela foi criada, uma música, ela foi criada por uma mulher que frequenta a comunidade. Então, é uma música que é muito marcante, que é a música do "Bom Jesus da Glória". Então, toda vez que essa música é tocada, eu percebo que as pessoas, né, se conectam mais com Deus. Então, eu acho que essa música, ela é muito

marcante, né?. E essa música, ela traz um sentimento de fé tão forte. E às vezes, toda vez que toca essa música na na missa, eu percebo que as pessoas, né, se conectam mais com Deus.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este catálogo de entrevistas permitiu reunir, registrar e preservar a memória dos festejos do Bom Jesus da Glória na comunidade de Cachoeira Grande, em Jacobina-BA. Por meio dos relatos orais apresentados, foi possível compreender como a festa, realizada anualmente desde 1952, tornou-se uma expressão fundamental da fé, da identidade cultural e da vida comunitária local. As entrevistas evidenciaram que, mais do que um evento religioso, o festejo é um espaço de encontro, solidariedade e continuidade das tradições, mobilizando diferentes gerações em torno de um mesmo propósito, celebrar o padroeiro e fortalecer os laços sociais. O processo de pesquisa não foi fácil, especialmente na etapa das entrevistas. A digitação das entrevistas é um processo demorado, porém bastante satisfatório, pois permite organizar e analisar os dados de forma detalhada. Além disso, abordar os participantes de modo que se sintam à vontade e confiantes para compartilhar suas memórias representou outro desafio importante durante a pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Jean-Jacques. **O handicap a posteriori**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). Usos & abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- CARDOSO, Lucileide Costa. Dimensões da memória na prática historiográfica. In: OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos; REIS, Isabel Cristina Ferreira dos (orgs.). **História Regional e Local: discussões e práticas**. Salvador: Quarteto, 2010.
- CONCEIÇÃO, Héliida Santos. **O sertão e o Império: As vilas do ouro na capitania da Bahia (1700-1750)**. 2018. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)**. Representação topográfica do distrito de Cachoeira Grande, Jacobina – BA. Mapa de Jacobina – Bahia: limites municipais. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.
- JOUTARD, Philippe. **História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). Usos & abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- MACAUBENSE LIFE (Org.)**. Figura 3: Barragem de Cachoeira Grande, principal manancial de água potável do distrito e região. [Fotografia]: Pessoas no vertedouro da barragem. [S.l.]: Macaubense Life, [s.d.]. Disponível em: <https://share.google/images/adoquw9gyimcJZdYK> Acesso em: 6 jul. 2025.
- MAGALHÃES, Janilson. **A romaria da Terra e das Águas de Bom Jesus da Lapa/BA: (re)invenção do religioso e do político**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) — Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2010.
- REGINALDO, Lucilene. **Os Rosários dos Angolas: irmandades de africanos e crioulos na Bahia setecentista**. São Paulo: Alameda, 2011.
- SAITO, Carlos Hiróo. **Desenvolvimento Tecnológico e Metodológico para Mediação entre Usuários e Comitês de Bacia Hidrográfica**. 2004. 137 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- MAGALHÃES, Janilson Alves. **A romaria da terra e das águas de Bom Jesus da Lapa/BA: (re)invenção do sagrado e da política na bacia do Rio São Francisco**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2010.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- Thompson, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VOLDMAN, Danièle. **Definições e usos**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). Usos & abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006

APÊNDICE –Roteiro de Entrevista

Pergunta inicial

Fale um pouco sobre você: idade, profissão e local de residência atual.

Primeiro eixo: Histórico e participação do interlocutor (a) na festa

1. Em que ano começou a residir em Cachoeira Grande?
2. Qual é a sua religião? Existem pessoas católicas em sua família?
3. O que você lembra sobre a fundação da capela matriz em Cachoeira Grande?
4. Desde quando participa dos festejos do Bom Jesus da Glória? Pode falar um pouco sobre os motivos que o(a) levaram a participar da festa?
5. Você tem alguma lembrança do primeiro ano de participação nos festejos do Bom Jesus da Glória?
6. Você participa da organização dos festejos junto à comunidade? Em caso afirmativo, quais funções desempenha?

Segundo eixo: Organização da festa, logística e comunidade (economia e política)

7. Quando pensa nos festejos do Bom Jesus da Glória e nas pessoas que participaram e apoiaram a festa, de quem você se lembra? De que forma essas pessoas contribuíram?
8. Algum agente político da região já apoiou os festejos? De que maneira (apoio financeiro, doações de materiais, entre outros)?
9. Ao longo dos anos, vocês enfrentaram dificuldades para organizar a festa? Quais dificuldades você recorda?
10. Para você, qual é a importância dos festejos do Bom Jesus da Glória para a comunidade de Cachoeira Grande?

Terceiro eixo: O significado da festa para o(a) interlocutor(a)

11. Você ainda participa dos festejos do Bom Jesus da Glória? O que o(a) motiva a continuar participando?

12. Ao longo dos anos de participação, o que mais marcou você nos festejos do Bom Jesus da Glória?
13. Você pode descrever alguma sensação, emoção ou sentimento ao lembrar dos festejos do Bom Jesus da Glória?
14. Você possui algum testemunho de fé ou relato de graça ou milagre atribuído ao Bom Jesus da Glória?